

A PALAVRA DO CAMPO

GLOBAL

globo rural.globo.com



TENDÊNCIAS 2023

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH



INFRAESTRUTURA AS OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA DE ARMAZENAGEM PARA 2023

EXCLUSIVO LEVANTAMENTO MOSTRA OS DESAFIOS DAS MULHERES NAS FAZENDAS DE CAFÉ

FEVEREIRO 2023 | Nº 444 | R\$ 25,00



Volkswagen Caminhões e Ônibus




Agradecemos a todos os clientes pela confiança, compromisso e parceria, em mais um ano na liderança do mercado brasileiro de caminhões.

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH



Acesse nosso QR code
ou www.vwco.com.br
e saiba mais.



-  Volkswagen Caminhões e Ônibus
-  Volkswagen Caminhões e Ônibus
-  @vwcaminhoes

No trânsito, escolha a vida!  



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH



Caminhões
Ônibus

FEVEREIRO 2023

14

ESPECIAL TENDÊNCIAS

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada prevê alta de 11,6% do PIB agropecuário em 2023, com aumento de 14,2% no setor agrícola e 1,6% em produção animal

- | | |
|---|-----------------------|
| 16 SOJA | 36 AVES E OVOS |
| 18 ALGODÃO | 38 SUÍNOS |
| 20 ARROZ E FEIJÃO | 40 MÁQUINAS AGRÍCOLAS |
| 22 CAFÉ | 41 RAÇÃO |
| 24 CANA-DE-AÇÚCAR | 42 FERTILIZANTES |
| 25 LARANJA | 43 DEFENSIVOS |
| 26 FRUTAS | |
| 28 HORTALIÇAS | |
| 30 TRIGO esse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH | |
| 32 MILHO | |
| 34 BOI E LEITE | |



- | | | |
|-------------------|------------------------|-----------------|
| 6 CARTA AO LEITOR | 58 AGTECHS | 76 COMO PLANTAR |
| 10 ENTREVISTA | 63 FUTURO | 78 COMO CRIAR |
| 44 TENDÊNCIA | 64 FAZENDA SUSTENTÁVEL | 80 GRU RESPONDE |
| 45 IDEIAS | 68 O AGRO É DELAS | 82 #TÔNAGR |
| 46 ARMAZENAGEM | 72 MAPA DA SAFRA | |
| 52 ILPF | 74 TEMPO | |

globo rural.globo.com **Globo+**



@RevistaGloboRural



Revista Globo Rural



@globorural



Revista Globo Rural



@globo_rural



Revista Globo Rural



iOS



Android

Parcerias fortes constroem o futuro

A Fertipar está há 43 anos ao lado do produtor brasileiro.

Trabalhamos diariamente para o sucesso da sua safra. Com foco em produtividade, sabemos que uma boa colheita depende de **preparo e dedicação** e, por isso, estamos continuamente investindo na **ampliação e modernização de nossas estruturas e tecnologias**.

Com capital **100% nacional**, contamos com 21 unidades industriais e **novos investimentos** para expansões em andamento.

Onde tem Agro tem Fertipar.

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILCASH



 www.fertipar.com.br

 Grupo Fertipar

 Fertipar Fertilizantes

 Fertipar Fertilizantes





Protagonismo garantido

Dólar, oferta, procura, política, crédito, tecnologia, gente, chuva: são muitas as variáveis que fazem o sucesso – ou a frustração – do agronegócio. E nesta edição especial consideramos todas elas para traçar os cenários e as perspectivas em diversas culturas. Apesar das muitas dúvidas que rondam o campo, por causa da transição na governança do país, 2023 parece começar com mais notícias boas do que ruins em comparação com o ano passado. A safra de grãos se desenvolve bem, exceto em alguns pontos do Sul, Centro-Oeste e Nordeste, e por enquanto parece que não há o que a impeça de superar a impressionante marca de 310 milhões de toneladas. Se confirmada, dará ao país a base de sustentação para mais um ano de recordes e resultados positivos, tanto no mercado interno quanto no externo. As projeções mais recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam aumento de 11,6% no PIB agropecuário, 14% na produção vegetal e de 1,6% na produção animal. Dentro da porteira, as notícias também são boas. Segundo as projeções oficiais, neste ano os produtores rurais brasileiros devem ter um incremento de renda, após uma perda de valor de produção em 2022, pressionada basicamente pela redução da colheita de verão, fortemente castigada pelo clima quente e seco. Aliás, o clima, fiél da balança, caminha para uma transição nos próximos

meses, segundo os meteorologistas. Após praticamente quatro safras consecutivas na companhia do fenômeno La Niña, os prognósticos apontam para um possível retorno do El Niño. Mas ainda é cedo para qualquer certeza sobre esse assunto – a única certeza é a de que estamos vendo e sentindo na pele as mudanças climáticas. O verão aqui no Sudeste quase não existiu até o momento. Já no sul do país, foi exagerado, faltou chuva. Nesta edição, trazemos também um balanço de 2022 para o mercado de agtechs, que segue de vento em popa em 2023, contrariando qualquer crise que haja nas empresas de base tecnológica mundo afora. Diferentemente delas, que enfrentam ondas de cortes de funcionários e redução de custos, nas startups do agro tem cada vez mais vagas, para funções e áreas diversas (de administração a programação tecnológica). Se o caro leitor trabalha no campo e pretende fazer uma transição de carreira, procure a startup ou incubadora ou hub de inovação mais próximo de você. Alguém lhe dará o caminho das pedras.

Quero encerrar esta mensagem fazendo um agradecendo especial a um dos colunistas mais queridos, admirados e respeitados que esta revista já teve. Roberto Rodrigues, querido professor, doutor, ex-ministro, mentor e fonte de inspiração para tanta gente, deixa de colaborar conosco após 13 anos. Mas, como ele mesmo escreve em sua última coluna por aqui, esperamos que seja apenas um “até logo”. Boa leitura!

Cassiano Ribeiro

Editor-chefe

cassianor@edglobo.com.br



CBN Agro, com Cassiano Ribeiro. Às terças, às 13h20, no CBN Brasil, comandado por Carlos Alberto Sardenberg, e diariamente às 5h50 no CBN Primeiras Notícias



Programa Globo Rural: aos domingos, às 8h (representação na **Globo News**, aos domingos, às 9h05)



95
ANOS

SEMPRE
PRESENTE
NESTA
TERRA



Juntos pelo agro e pela vida.

Contribuir para que as atuais e futuras gerações de agricultores continuem a alimentar o mundo e a preservar as riquezas do planeta.




A nossa força
vem do agro.

Que desenvolve
comunidades, fomenta
a economia e alimenta
o futuro com o poder
do coletivo, de quem vive
o campo diariamente.



Estamos juntos.

Pelo agro e pela vida.
Esta é a nossa vocação,
hoje e amanhã.

 **BALDAN**



DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR NACIONAL DE NEGÓCIOS: Ricardo Rodrigues
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Tiago Afonso
DIRETOR DE JORNADA DO CONSUMIDOR: Mauro Lopez
DIRETORIA EDITORIAL: Daniela Tofoli e Sandra Bocca

EDITOR-CHEFE Cassiano Ribeiro

EDITOR EXECUTIVO Venison Ferreira

EDITORA Denise Saueresseg

EDITOR-ASSISTENTE Raphael Salomão

REPÓRTERES Mariana Grilli e Cleyton Vilarino
ESTAGIÁRIOS Arthur Almeida e Juliana Florido
COLABORADORES Eliane Silva, Carol Fernandes, Carolina Mainardes, João Mathias, Luiz Josahkian, Roberto Rodrigues, Mauricio Lopes, Nadia Perera, Viviane Taguchi e Wilian Santin (texto); Ricardo Davino (ilustração); Diego Cardoso (revisão)

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO

DIRETOR Rodrigo Bruzzi

DIRETOR DE ARTE Alex Vargas Cassalho

EDITORES DE ARTE ASSISTENTE

Clayton Rodrigues e Daniel Pastori

DESIGNERES Felipe Yatabe e Pablo Gonzalez

COLABORADORES Rodrigo Pickering Il Louzas

e J. Pequeno A. Neto (RVP Studio)

SERVIÇOS EDITORIAIS PESQUISA:

CEDOC/Globopress

MERCADO ANUNCIANTE

FINANCEIRO • IMOBILIÁRIO • INFRA/LOG

INDÚSTRIA/ENERGIA • AGRONEGÓCIO

DIRETOR DE NEGÓCIOS: Emílio Morad Han-

sen GERENTE DE NEGÓCIOS: João Carlos

Meyer COORDENADORA DE NEGÓCIOS (PUBLI-

CIDADE LEGAL): Francimaria Pacheco Da Silva

Santos COORDENADORA DE NEGÓCIOS (AGRO-

NEGÓCIO): Cristiane Nogueira EXECUTIVOS DE

NEGÓCIOS: Bruna Serradoria Ros, Catiana

Augusta Peirosa dos Santos, Edivado da Sil-

va, Emerson Claudino Dantas, Fabio Bastos

Ferreira de Andrade, Juliana Fernandes, Sel-

ma Teixeira da Costa e Simone Puglisi.

EDUCAÇÃO • ALIMENTOS E BEBIDAS • MON-

TADORA • VAREJO • TELECOM • TECNOLOGIA

• ELETRÔNICOS

DIRETOR DE NEGÓCIOS: Lucio Del Cello GE-
RENTE DE NEGÓCIOS: Lilian Cassamassimo
Baima EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Cesar Au-
 gusto Pichoi Datozo, Lucas Michelon, Cristina
 Furuké, Erika Shibata, Fátima Marangon, Kar-
 ina Penshoo Pymon, Marco Guidi e Roberto
 Loz Junior.

MODA • BELEZA • HIGIENE DOMÉSTICA E PES-
 SOAL • SHOPPING • DECORAÇÃO • SAÚDE •
 CIAS AÉREAS • TURISMO • PUEBLICULTURA •
 MÍDIA • ENTRETENIMENTO • OUTROS

DIRETORA DE NEGÓCIOS: Olívia Cipola Boeira
COORDENADORA DE NEGÓCIOS (DECORAÇÃO):
 Fátima Regina Ottaviani COORDENADORA DE
 NEGÓCIOS (ENTRETENIMENTO SAÚDE E TURIS-
 MO): Barbara Roberta Ferreira Costa EXECUTI-
 VOS DE NEGÓCIOS: André Frascó Scovio, Ar-
 thur Aves de Carvalho, Eliana Lima Fagundes,
 Jessica Arslan e Lilian de Marche Noffs.
COORDENADORA DE NEGÓCIOS EDITORA GLO-
BO | EDIÇÕES GLOBO CONDÊ NAST: Renata Dias

RIO DE JANEIRO

DIRETOR DE NEGÓCIOS: Marcelo Lima da
 Cunha Mattos GERENTES DE NEGÓCIOS: Dar-
 iene Bastos Campos Machado (NABEJO) e Mônica
 Monnerat Cyrino da Garra e Silva (BELE-
 ZA - MODA - SHOPPING) COORDENADORA DE
 NEGÓCIOS Alessandra de Oliveira Correa Fer-
 nandes EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS André Ro-
 drigues Ramos, Beatriz dos Santos Aves,
 Claudia de Carvalho Coutinho, Daniela Nunes
 Lopes, Katinka Martins Vaadares de Araújo e
 Marley Ramos Trindade.

**DIRETOR DE NEGÓCIOS (GOVERNO - SERVIÇOS
 PÚBLICOS SOCIAIS - ENERGIA):** Luiz Fernando
 de Manso EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Robert
 de Souza Correa (ENERGIA), Claudia Cubeiro
 dos Santos (GOVERNO) e Marcelo Valentin PU-

B.L.C DADE LEGAL).

COORDENADOR GERAL DE PME E NOVOS NE-
GÓCIOS: Fabio Paz Lago COORDENADORES
 DE ÁREA: Cyro Marçal e Jorge Guaiacy CO-
ORDENADORA DE TELEMARKETING: Valéria
 Brasil EXECUTIVO DE NEGÓCIOS (CORRETO-
 RES): Miguel Fernandes

BRÁSILIA

GERENTE DE NEGÓCIOS: Luiz Fernando Manso
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Luciana Gomes de
 Oliveira Burnett

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

DIRETORA DE NEGÓCIOS: Thais Eboil Haddad
CONTATO PUBLICIDADE: Ana Carolina Lima

DESENVOLVIMENTO COMERCIAL

GLAB: Edward Pimenta
PROJETOS ESPECIAIS (R/USP): Leonardo André
EVENTOS (RJ): Cristiano Coimbra
EVENTOS (SP): Daniela Valente

OPERAÇÕES COMERCIAIS

GERENTE DE OPERAÇÕES COMERCIAIS:
 Anderson Góes Silva

DESEJA FALAR COM A EDITORA GLOBO?

ATENDEMENTO E

ASSINATURAS

☎ 4003-9999

☎ (11) 4003-9999

☎ (11) 4003-9999

Horário de Atendimento:
 Seg. à sáb. das 08.00 às 15.00
www.assinseglobo.com.br

VENIDAS CORPORATIVAS E

PARCERIAS

(11) 3767-7226

parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR

SP: (11) 3736-7228 | 3767-7447

3767-7942 | 3767-7889

3736-7205 | 3767-7557

RJ: (21) 3380-5923

3380-5830

858-651 3410-8953

EDIÇÕES ANTERIORES

O pedido será atendido através do
 jornalheiro ao preço da edição atual, desde
 que haja disponibilidade de estoque. Faça
 seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

RJ: (21) 2534-5777 | 2534-5526

2534-5595

venda_conteudo@edglobo.com.br



O QUE É O G.LAB

O G.LAB é o estudo de brand content do Grupo
 Globo. Produz conteúdo customizado para empresas
 que contratam os seus serviços. Esses conteúdos -
 identificados pela expressão "Apresentação por" e o lo-
 gótipo da empresa patrocinadora - são publicados em
 todas as plataformas dos títulos da Editora Globo e
 nos jornais Valor Econômico, O Globo e Extra.

GLOBO RURAL é uma publicação mensal da EDITORA GLOBO S.A. Av. 9 de Julho, 5229 • Jardim Paulista • São Paulo - SP • CEP 01407-007
 Tel. 11 3767-7769. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Onap - Distribuidora Nacional de Publicações. • Impressão: Pual Indústria Gráfica Ltda.
 Agência Marcos Perinazzo de Lira da Rodrigues, 700 • Tamboré - Santana de Parnaíba, São Paulo, SP • CEP 06543-001



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Valor ^{PRO}

sua fonte de informação para a tomada de decisões

**O Valor PRO é a solução ideal
para quem precisa se
antecipar em relação ao
mercado para tomar decisões
ágeis e obter resultados.**

Com notícias, dados e análises em tempo real, a ferramenta oferece informações sobre o mercado financeiro, movimentações políticas, informações sobre empresas e muito mais.



Acesse nosso Canal no Telegram: Line/BRASILTRASH

**Solicite uma
demonstração!**
acesse agora:

valorpro.com.br



Ela conquistou a ciência e o campo

PESQUISADORA VENCEU DIVERSOS PRECONCEITOS E PROVOU QUE OS MICROORGANISMOS INOCULADOS NA SOJA RESULTAM EM UM DIFERENCIAL PRODUTIVO E SUSTENTÁVEL PARA O BRASIL, GERAM ECONOMIA DE DIVISAS NA IMPORTAÇÃO, ALÉM DE REDUZIREM O IMPACTO AMBIENTAL, AO SUBSTITUIR OS FERTILIZANTES QUÍMICOS

Por **WILHAN SANTIN**

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

De tão extenso, o currículo da cientista Mariangela Hungria não dá para ser resumido. Somente títulos de pós-doutorados ela tem três, sendo dois de universidades dos Estados Unidos e um de instituição espanhola. Membro da Academia Brasileira de Ciências, ela figura em diversos rankings que elencam os profissionais mais influentes do planeta e já foi reconhecida com premiações relevantes. Em dezembro, comemorou 40 anos como pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), ostentando o brilho nos olhos daqueles que ainda estão no começo de carreira. As pesquisas nas quais ela trabalhou permitem ao Brasil economizar em torno de US\$ 40 bilhões por ano, utilizando bactérias para substituir o custoso processo industrial de produção de adubos nitrogenados. É a chamada fixação biológica do nitrogênio.

GLOBO RURAL_ *A senhora poderia explicar como algumas bactérias nos permitem economizar tanto?*

MARIANGELA HUNGRIA_ O nitrogênio é a base da vida. É um nutriente que a planta requer em grande quantidade. Daí, temos um paradoxo, pois o ar que respiramos tem 80% de nitrogênio gasoso. Mas esse N2 do ar tem uma tripla ligação que é uma das mais fortes da natureza. Para fazer o fertilizante qui-

mico, são necessárias altíssimas pressões e temperaturas para quebrar essas ligações, o que exige energia não renovável. A síntese de fertilizantes químicos, em média, requer seis barris de petróleo por tonelada de amônia fixada. Tudo isso é caro e está relacionado à emissão de gases de efeito estufa. Mas existem algumas bactérias – como a *Bradyrhizobium* – que são capazes de quebrar essa tripla ligação e

transformar o N2 em amônia, a mesma substância que a gente tem no fertilizante químico.

GR_ *Então, a natureza faz o que o homem gastaria muito para fazer no processo industrial?*

MH_ Sim. Temos vários tipos de associações dessas bactérias com as plantas, sendo as mais específicas as leguminosas, como a soja e o feijão. As



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

“É vergonhoso dizer que alimentamos tantas pessoas no mundo quando temos 33 milhões de pessoas em insegurança alimentar no país”

bactérias conseguem, em condições adequadas, fornecer todo o nitrogênio que as plantas precisam. No caso da soja, por ter alto teor de proteína, a planta precisa de muito nitrogênio. Graças às pesquisas que desenvolvemos no Brasil, temos bactérias que conseguem fornecer 100% desse nutriente. Somos líderes mundiais nesse quesito. Se considerarmos que o fertilizante nitrogenado é cotado em dólar e custa mais de US\$ 2 por quilo, chegamos a esta quantia de US\$ 40 bilhões de economia.

GR_ E quanto custam as bactérias?

MH_ Elas podem ser encontradas concentradas nos produtos que chamamos de inoculantes. Com 100 mililitros, é possível tratar uma área de 1 hectare de soja. Isso custa R\$ 10 por hectare e permite economizar mais de US\$ 500 por hectare.

GR_ Por que a senhora decidiu ser estudiosa de bactérias?

MH_ Desde criança, sempre gostei de microrganismos. Na faculdade, eu já sabia que era isso o que queria. Mas, naquela época, havia preconceito no meio acadêmico sobre essa área do conhecimento. Disseram que, por eu ser inteligente, deveria estudar fertilizantes químicos, porque os microrganismos não teriam futuro. Eu, porém, segui o meu coração. Com as bactérias, estamos deixando de emitir mais de 200 milhões de toneladas de CO₂ equivalente, que seriam necessárias para produzir o fertilizante químico.

GR_ Como está a adesão dos agricultores brasileiros à fixação biológica do nitrogênio?

MH_ Na soja, praticamente 100%. Graças à consciência e à qualificação de pesquisa que sempre tivemos no Brasil, essas bactérias que foram colocadas em nosso solo são muito eficientes. Nenhum agricultor conseguirá produzir em uma área que nunca recebeu plantio de soja sem utilizar as bactérias. Elas ficam no solo e sempre vão garantir produção. Se colocar todos os anos, a um custo muito baixo, irá gerar um aumento médio de produção de 8%. Isso representa praticamente o lucro do produtor. E 80% da área de soja do Brasil, hoje, usa os inoculantes. Nenhum país tem essa taxa de adoção de produto microbiano na soja.

GR_ E para outras culturas?

MH_ Também existem muitas vantagens, mas ainda são pouco adotadas pelos produtores. No feijão, por exemplo, poderíamos quadruplicar a média nacional, mas a fixação biológica é pouco adotada na cultura, porque ainda acontece de os grandes acessarem mais rapidamente as tecnologias do que os pequenos. Com o desmantelamento da extensão rural no país, cada vez mais o pequeno agricultor está desassistido. Existe uma série de tecnologias que poderiam melhorar a agricultora familiar

e a produção dos pequenos agricultores, mas não chegam até eles.

GR_ Como a senhora vê a insegurança alimentar em um país que registra números expressivos na produção de grãos?

MH_ Esse é um ponto que eu não me conformo. Faço parte da Academia Brasileira de Ciências, e estamos formando um grupo para discutir isso. A própria Embrapa tem estudos que mostram que atualmente alimentamos aproximadamente 1 bilhão de pessoas no mundo. Eu evito citar esse dado, pois acho vergonhoso dizer que alimentamos tantas pessoas no mundo quando temos 33 milhões de pessoas em insegurança alimentar em nosso país. Acredito que o papel do agro não seja apenas produzir os alimentos. Com a cadeia de logística, de distribuição e conhecimentos que detemos, temos tudo para mudar esse cenário.

GR_ Em algumas ocasiões, a senhora citou o sonho de recuperar pastagens degradadas. Como está esse projeto?

MH_ Lançamos um pacote tecnológico e já tem um inoculante comercial no mercado com resultados fantásticos para pastagens, de incremento médio de 22% de produção de biomassa e aumento qualitativo dessa biomassa, com 12% de nitrogênio, 11% de potássio e 30% de fósforo. Com isso, o gado tem mais alimento e de melhor qualidade, emitindo menos metano. É muito triste viajar pelo Brasil e ver áreas de pastagens degradadas. Antes de encerrar a minha carreira, gostaria de ajudar a recuperar essas áreas, pois assim não precisaríamos



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

derrubar nem sequer uma árvore para aumentar muito a nossa área de plantio de grãos. Atualmente, a área de pastagens corresponde a 2,7 vezes a área de grãos no país. Entre 60% a 70% dessas pastagens estão em algum estágio de degradação.

GR_ *E o bioestimulante Pastomax, que venceu um prêmio internacional, quanto tempo vocês trabalharam nessa pesquisa e no desenvolvimento do produto?*

MH_ Tivemos uma primeira versão, que evoluiu até chegar ao Pastomax, que associa dois microrganismos com propriedades multifuncionais, *Azospirillum brasilense* e *Pseudomonas fluorescens*. Ao todo, foram 11 anos de trabalho, que, na verdade, são o resultado de uma vida de pesquisas. Na última etapa, foram conduzidos ensaios por quatro safras, em duas condições de solo e clima distintos, com inoculação via sementes e, também, em aplicação foliar em pastagens já estabelecidas. Para nós,

que trabalhamos com bioinsumos, a meta é sempre a sustentabilidade, a agricultura regenerativa. Poder desenvolver pesquisas que contribuam para a regeneração dessas áreas e lançar um produto altamente eficiente é muito gratificante.

GR_ *Quais são os principais desafios nesta era de agricultura 4.0?*

MH_ Vemos tantas coisas inovadoras, vislumbrando um grande futuro, mas ainda temos uma contradição quando olhamos para a realidade do campo. Na Embrapa Soja, no “Sul Maravilha”, não temos internet nem “1G” nas áreas de campo. E o pessoal está falando em “5G”. Então, a gente tem tecnologias campeãs de sustentabilidade, como fixação de nitrogênio, plantio direto, integração lavoura-pecuária e, por outro lado, o desmatamento. Estamos em uma época de muitos contrastes. A polarização da política está também na agricultura e na pesquisa. Precisamos de uma visão aberta para a conciliação.

GR_ *Quais são os seus próximos passos e desafios?*

MH_ Quando engravidei, foi fundamental ter o apoio da minha avó. A Carolina, minha primeira filha, nasceu em 1977. A Marcela veio em 1978, com necessidades especiais. Eu sofri muito preconceito, e toda mulher que tem um filho com deficiência sempre pensa o que será do filho quando ela for embora. Trabalhei muito para que a minha filha tenha suporte financeiro e emocional quando eu me for. Minha filha mais velha é jornalista, está firme na carreira, e as duas são muito unidas. Agora quero doar o que recebi. Há dois anos ganhei um prêmio financeiro e, recentemente, recebi mais um, da Bunge. Estou criando uma associação para incentivar mulheres na qual estou colocando esse dinheiro. Quero criar premiações em agricultura e microbiologia, para mulheres empreendedoras. Tenho certeza de que cada real que investirmos se multiplicará em milhões em retorno para a agricultura brasileira

TENDÊNCIAS | CENÁRIO

A SALVAÇÃO DO PIB

PREVISÃO PRELIMINAR DO IPEA INDICA QUE, COM SAFRA RECORDE, O VALOR ADICIONADO DO SETOR AGROPECUÁRIO DEVE CRESCER 11,6% EM 2023

texto **VENILSON FERREIRA** ilustrações **RICARDO DAVINO**



Mesmo enfrentando desafios, como a perspectiva de desaceleração da economia mundial, o agro brasileiro deve crescer em 2023 e evitar a queda do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todos os bens e serviços finais produzidos pelo país.

Um estudo divulgado em dezembro do ano passado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), levando em conta as estatísticas de safra, prevê um crescimento de 11,6% do PIB agropecuário em 2023, com aumento de 14,2% na produção vegetal e de 1,6% na produção animal.

No mesmo estudo, o Ipea divulgou uma atualização relativa ao ano passado, que mostrou queda de 1% no PIB agropecuário, com retração de 2% no setor agrícola e crescimento de 5,7% nas proteínas animais.

Silvia Matos, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), observa que o ponto de partida neste ano está bem melhor que no início de 2022, embora ainda haja preocupação com o impacto da estiagem nas lavouras de soja e milho no Rio Grande do Sul.

Na opinião da economista do Ibre, a projeção do Ipea pode parecer exagerada, mas a maioria dos analistas trabalha com projeções do PIB da agropecuária acima de 5%, em função da previsão de colheita de uma safra recorde de grãos.

Silvia acredita que o agro será o grande protagonista da economia brasileira em 2023, até porque não há muita expectativa positiva em outros indicadores. Sem o agronegócio, diz ela, o PIB seria negativo neste ano.

A economista observa que o agro, embora sofra o impacto das taxas de juros, não depende da política monetária, mas sim do clima e da demanda mundial. Além de contribuir com aumento de renda e receita de impostos, o setor deve ajudar no combate à inflação, pois a expectativa é que o aumento de preços dos alimentos arrefeça neste ano, diz ela.

A primeira estimativa da Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura para o Valor Bruto da Produção Agropecuária em 2023, divulgada em janeiro, também projeta uma recuperação da renda no campo, após a queda de 0,1% registrada no ano passado.

O estudo da SPA prevê um crescimento de 6% na renda dos produtores dentro da porteira, para R\$ 1,256 trilhão, com avanço de 7,4% no Valor da Produção Agrícola (para R\$ 877 bilhões) e de 3% no setor de proteínas animais (para R\$ 383,6 bilhões). ■



PRESSÃO DE OFERTA

PRODUÇÃO MUNDIAL DEVE CRESCER MAIS QUE A DEMANDA E, POR ISSO, A COMERCIALIZAÇÃO TENDE A SER MAIS LENTA NESTA SAFRA, O QUE VEM SE CONFIRMANDO

por **WILHAN SANTIN**

Vedete do agronegócio brasileiro, a soja consolida cada vez mais o seu espaço na safra de verão, impulsionada pelos bons preços internacionais e pela tendência de os produtores cada vez mais semearem o milho como segunda safra, após a colheita da oleaginosa.

A área ocupada pela soja no Brasil cresce a cada ano: saltou de 36,9 milhões de hectares, na safra 2019/2020, para 43,4 milhões de hectares, na safra que está sendo colhida neste início de 2023. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no levantamento de safra divulgado em dezembro, estimou produção recorde de 153,4 milhões de toneladas de soja nesta temporada, volume 22% superior à safra anterior.

Diretor comercial da Coamo, a maior cooperativa do ramo agro da América Latina, Rogério Trannin de Mello analisa as tendências do mercado para a soja com a experiência de quem atua há 24 anos na gigante com sede em Campo Mourão, no Paraná.

“Haverá um grande incremento de soja no mercado, com o Brasil produzindo quase 30 milhões de toneladas a mais do que na última safra. No total, a produção mundial terá acréscimo de 35,6 milhões de toneladas. Como a estimativa de aumento de consumo é de 17,5 milhões de toneladas, os estoques crescerão. Se tudo isso for vendido rapidamente, o preço cairá. Então, a comercialização tende a ser lenta. Somamos a isso o câmbio volátil, com o dólar fluutuante, e concluímos que é impossível dizer com segurança se os preços vão cair ou subir”, destaca Trannin de Mello.

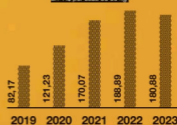
O mercado chinês, com o fim da política de grandes restrições para o combate à Covid-19, deve consumir mais, ajudando a alavancar as exportações brasileiras, que ficaram próximas de 80 milhões de toneladas em 2022. A Conab estima que 96,5 milhões de toneladas de soja da atual safra serão exportadas. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta um crescimento mundial de 4,8% no consumo de soja em comparação com 2022.

“Qual será a consequência da abertura chinesa? Ainda é cedo para responder. Para o sojicultor brasileiro, olhando para 2024 e considerando os fatores imponderáveis, o importante é travar antecipadamente os custos de produção e estar muito atento às práticas sustentáveis. Isso já é imperativo para o presente e vai nos dar cada vez mais competitividade para o futuro. O mundo quer uma soja que deixe um rastro de coisas boas, e


“O importante é travar antecipadamente os custos de produção e estar muito atento às práticas sustentáveis”

ROGÉRIO TRANNIN DE MELLO,
diretor comercial da Coamo

**INDICADOR DA SOJA
ESALO/BM&FBVESPA - PARANAGUA**
em R\$ por saca de 60 kg



FONTE: CEPEA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

não de devastação. Não pode haver desmatamento para o plantio, os direitos trabalhistas e à propriedade devem ser respeitados, a pegada de carbono deve ser observada", diz o diretor comercial da Coamo.

Em relação ao clima, depois de três anos de La Niña, fenômeno causado pelo resfriamento das águas do Oceano Pacífico na região equatorial, provocando secas no Sul do Brasil e excesso de chuvas no

Norte e no Nordeste, a safra 2023/2024 deve ser plantada sob a influência do El Niño, que ocorre quando há aquecimento das águas do Pacífico Equatorial e gera o efeito contrário no Brasil, com mais chuvas no Sul, onde estão importantes Estados produtores de soja.

As boas notícias do clima animam o agricultor José Roberto Simões. Aliando o otimismo a técnicas apuradas de manejo, ele planta em 290 hectares, dos quais 242 são arrendados, em Tamarana, no norte do Paraná. No verão, dedica toda a área à soja. No inverno, planta milho, trigo e aveia, privilegiando a rotação de culturas.

Neste mês, está com as colheiteadeiras no campo, estimando colher 74 sacas de 60 quilos de soja por hectare. Não faltou e nem houve excesso de chuvas na região onde Simões trabalha. ■

ALTOS E BAIXOS

PERSPECTIVAS PARA O SETOR DE ALGODÃO APONTAM QUE, EM 2023, PRODUTORES TERÃO DESAFIOS MENORES E O BRASIL PODE OCUPAR A LIDERANÇA NAS EXPORTAÇÕES GLOBAIS

por CLEYTON VILARINO

O algodão teve uma trajetória de sobe e desce em 2022, com preços recordes alcançados no começo do ano e quedas nas cotações na Bolsa de Nova York no fim do período, devido às expectativas de desaceleração da economia global e à desvalorização do barril do petróleo, movimento que torna as fibras sintéticas mais competitivas que a pluma.

Essa movimentação no setor ajuda a desenhar o cenário para a próxima safra: um crescimento de área mais tímido, mas com um aumento significativo de produtividade nas lavouras.

“O viés mais baixo em relação aos preços do fim de 2022 deve levar a um crescimento de área de 1,5% na próxima safra e, assumindo a tendência de produtividade, podemos ter uma safra (2022/2023) de 3 milhões de toneladas, que é um aumento de 500 mil toneladas em relação à safra passada”, acredita Marcela Marini, analista do Rabobank.

As previsões do banco holandês em relação à safra de algodão apontam que as lavouras não devem enfrentar os mesmos problemas climáticos ocorridos no ciclo 2021/2022, responsáveis por reduzir em 400 mil toneladas o potencial produtivo nacional.

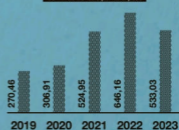
Marini ainda destaca que os Estados Unidos enfrentaram os mesmos problemas climáticos que o Brasil, o que é importante para traçar uma perspectiva para 2023. “O Estado do Texas, responsável por 35% da produção norte-americana, enfrentou desafios climáticos desde o início do plantio até a colheita, e isso reduziu significativamente a perspectiva da safra de algodão dos EUA”, ressalta. A redução na produção da safra norte-americana de algodão gira em torno de 18%.

Maior consumidor e importador mundial de algodão, a China reduziu o consumo de algodão em 2022, devido à explosão de casos de Covid-19 que atingiu o país. Com a imposição de medidas de restrição à circulação de pessoas levada a cabo pelos chineses, a venda de produtos derivados dessa matéria-prima despencou. “A China, por causa das medidas adotadas para combater a Covid-19, está trazendo problemas no consumo e também para a produção, com fábricas fechadas e consumo restrito. Agora, sabemos que isso é temporário e não vai poder ficar para sempre”, observou o ex-presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Júlio Busato, em dezembro.

“O cenário para 2023 é conservador, à luz do que estamos sentindo com as empresas e instituições financeiras”

FERNANDO PIMENTEL,
presidente da Abit

INDICADOR DE PREÇOS DO ALGODÃO EM PLUMA
Centavos de reais por litro-peso



FONTE: CEPEA

No mercado interno, a previsão é de crescimento abaixo do PIB, com vendas em linha com a produção e a importação, segundo revela o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Pimentel. "O cenário para 2023 é conservador, à luz do que estamos sentindo com as empresas e instituições financeiras, mas é um cenário que ainda carece de maior nitidez na linha da política econômica que vai ser endereçada, não só pelo Ministério da Economia, mas no próprio Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), que foi recriado, e em outras áreas", pontua o executivo.

Após uma produção de 1,9 milhão de toneladas em 2022 (queda de 7,4% ante o ano anterior), a previsão do setor industrial é de leve recuperação em 2023, com base nos sinais de recuperação da economia observados no último trimestre do ano passado e nas perspectivas de manutenção do auxílio emergencial em R\$ 600. "Essa expansão monetária e uma perspectiva de crescimento do PIB, mesmo que modesta, nos levam a prever crescimento também modesto da nossa produção", diz Pimentel, ao avaliar que os principais fatores para a queda da produção têxtil em 2022, entre eles o aumento nos preços da pluma, ficaram para trás. ■



Original no Telegram: t.me/BRASILTRASH

MENOR PRODUÇÃO E CONSUMO

PRODUTOS BÁSICOS DA MESA DOS BRASILEIROS, O ARROZ E O FEIJÃO PERDEM EM COMPETIVIDADE PARA AS CULTURAS DE EXPORTAÇÃO, PRINCIPALMENTE A SOJA

por **VENILSON FERREIRA**

AS PERSPECTIVAS DE CURTO PRAZO SÃO DE ALTA NOS preços do arroz e do feijão, dois produtos básicos das mesas dos brasileiros, apesar das quedas de produção e redução do consumo registradas nos últimos anos.

O pesquisador Lucílio Alves, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), observa que a produção de arroz estimada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2022/2023 é a menor em 21 anos.

Segundo ele, a retração de 20% na área cultivada com arroz no Rio Grande do Sul nos últimos cinco anos se deve ao avanço do cultivo de soja, provocada pela alta dos custos de produção e pela melhor rentabilidade proporcionada pela oleaginosa. A maior diminuição no cultivo de arroz pelos produtores gaúchos ocorreu na safra atual, com uma perda de área de 9,9%.

Mesmo com a menor oferta, a expectativa para esta safra é de um excedente de arroz da ordem de 3 milhões de toneladas. O consumo interno do cereal, que atingiu 12,5 milhões de toneladas na safra 2012/2013, na atual temporada é estimado em 10,6 milhões de toneladas.

Lucílio Alves comenta que a queda no consumo de arroz é uma tendência mundial, provocada pela substituição por produtos alternativos, como as massas, incentivada pelos menores preços do trigo.

Ele cita os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que apontam para uma redução de 2,3% na produção mundial de arroz beneficiado na safra 2022/2023 em relação à anterior, somando 503,3 milhões de toneladas.

Os preços do arroz só não recuaram devido ao aumento das exportações brasileiras, que de janeiro a novembro do ano passado somaram 1,91 milhão de toneladas, o maior volume anual da série histórica da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), iniciada em 1977.

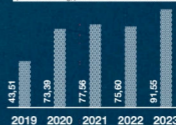
A exemplo do cultivo do arroz, a produção de feijão também perde em competitividade para as culturas de exportação, principalmente a soja. Nos últimos 15 anos, a área de feijão encolheu 33% e a produção recuou em 15%, graças a uma pequena melhora na produtividade.

Marcelo Lüders, presidente do Instituto Brasileiro do Feijão (Ibrfe), explica que a melhora na produtividade se deve aos avanços em

“A produção de arroz estimada pela Companhia Nacional de Abastecimento para a safra 2022/2023 é a menor em 21 anos”

LUCÍLIO ALVES,
pesquisador do Cepea

INDICADOR DO ARROZ EM CASCA CEPEA/IRGA-RS
por saca de 50 kg, custo indústria Rio Grande do Sul



FONTES: CEPEA



Acesso nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

tecnologia, como novas cultivares e o plantio de sementes certificadas em algumas regiões, como em São Paulo, onde o rendimento é de 2.348 quilos por hectare, bem acima da média nacional, que é de 1.036 quilos por hectare.

No entanto, diz ele, a maioria dos produtores brasileiros ainda semeia os grãos colhidos em suas lavouras, em vez de comprar sementes de novas variedades desenvolvidas pela

pesquisa e comercializadas pelas sementeiras. Lüders calcula que apenas 10% das sementes plantadas no país são certificadas.

Além da maior produtividade, as novas variedades de feijão carioca estão fazendo a diferença no mercado, por permitir maior tempo de armazenagem sem perder suas características, principalmente a cor, que é um fator que influencia o consumo.

Segundo Lüders, até alguns anos o preço do feijão carioca caía 50% entre a colheita e a comercialização, por causa do escurecimento dos grãos. A alta de preços atual ocorre justamente porque parte dos produtores está escalonando as vendas. Ele acredita que os preços devem se manter em alta no primeiro quadrimestre e tendem a ceder com a entrada da segunda safra no mercado. ■

CENÁRIO DE INCERTEZA

FALTA DE NÚMEROS CONFIÁVEIS EM RELAÇÃO ÀS ESTIMATIVAS DA SAFRA BRASILEIRA E AO CONSUMO MUNDIAL DIFICULTA PREVER O COMPORTAMENTO DO MERCADO EM 2023

por **VENILSON FERREIRA**

Depois de atingir preços recordes no início do ano passado, o mercado de café começa 2023 pressionado pela indefinição em relação ao volume que será colhido na próxima safra e ao comportamento da demanda mundial, diante de um cenário de aumento da inflação e desaquecimento da economia global.

Renato Garcia Ribeiro, pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), observa que, nos últimos três anos, o mercado de café carece de informações confiáveis, principalmente no tocante à produção. Ele recorda que, na safra passada, a produção ficou abaixo das expectativas, devido à falta de chuvas e às geadas nas regiões produtoras de café arábica. Além de ter limitado a oferta em 2022, os problemas climáticos que castigaram os cafezais podem ter reflexo na safra atual.

O analista do Cepea diz que tem muitas dúvidas quanto à respostas das plantas que sofreram com falta de chuvas e geadas e que prefere esperar para saber como estará o enchimento dos grãos nos cafezais em fevereiro para ter mais clareza. “Os cafezais sofreram com falta de chuvas e muito calor. A safra de 2023 não deve ser tão boa quanto as duas últimas.”

Do ponto de vista da demanda, segundo Renato Ribeiro, existe uma incerteza em relação ao consumo mundial, por causa da inflação mundial e do crescimento mais modesto das principais economias. “O consumo de café tem mostrado resiliência, mas, com a economia mundial mais devagar, pode ter um crescimento pequeno e talvez nem cresça.”

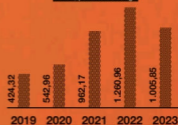
Fernando Maximiliano, analista da consultoria Stonex, concorda que o grande desafio do mercado de café é a falta de transparência e o alto grau de incerteza em relação às estimativas, tanto no tocante à oferta quanto à demanda. No que diz respeito à safra passada, ele observa que as estimativas de produção variam de 50,9 milhões de sacas estimadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) até 64 milhões de sacas calculadas pelas consultorias privadas. A Stone estimou a safra 2022/2023 em 58,9 milhões de sacas.

Maximiliano comenta que a enorme diferença de 13 milhões de sacas nas estimativas da safra passada gera uma desconfiança no mercado e o grande dilema é saber qual volume será colhido em 2023. “Lá fora existem estimativas de uma produção acima de 60 milhões de sacas, mas as cooperativas brasileiras têm defendido que a safra não será tão grande.

“Os cafezais sofreram com falta de chuvas e calor. A safra de 2023 não deve ser tão boa quanto as duas últimas safras”

RENATO GARCIA RIBEIRO,
pesquisador do Cepea/Esalq/USP

INDICADOR DO CAFÉ ARÁBICA CEPEA/ESALQ
Em R\$ por saca de 60 kg



FONTE: CEPEA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

Há um consenso de que a safra de 2023 será maior, mas a dúvida é sobre qual o tamanho desse avanço."

No que diz respeito aos preços, Maximiliano lembra que as cotações estavam em alta no início de 2022, por causa da quebra de safra, e atingiram o pico em fevereiro, quando eclodiu a guerra na Ucrânia, que gerou uma preocupação em relação ao consumo de café, além de impactar na inflação e no crescimento da economia global.

Outro fator que contribui para embaralhar o cenário é a falta de sinalização de preços para entregas futuras. Os cafeicultores estão cautelosos, devido à incerteza em relação à produtividade das lavouras, que em muitos casos não receberam a adubação adequada, por causa da alta dos preços dos fertilizantes. Renato Ribeiro lembra que há dois anos o preço do café beirava os R\$ 500 a saca e os produtores realizaram vendas antecipadas por R\$ 750 a saca, mas, quando foram entregar, a cotação estava acima de R\$ 1 mil.

Maximiliano, da Stonex, afirma que, além da questão do preço, muitos produtores não conseguiram cumprir seus contratos, pois colheram volumes menores que o esperado e enfrentaram dificuldades para preparar o café no padrão de qualidade combinado com os compradores. "Muitos contratos foram renegociados para entrega nas safras seguintes." ■

DE OLHO NA TRIBUTAÇÃO

SEGUNDO AS CONSULTORIAS, O TOTAL DE MATÉRIA-PRIMA DIRECIONADA PARA A PRODUÇÃO DE AÇÚCAR OU DE ETANOL DEPENDERÁ DAS QUESTÕES TRIBUTÁRIAS

por **VIVIANE TAGUCHI**

A atual safra de cana-de-açúcar na região Centro-Sul encerrou o ano de 2022 em alta, com 541,57 milhões de toneladas de matéria-prima processadas, um crescimento de 3,63% em relação ao fim de 2021. As projeções, que foram divulgadas pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), apontam que, até março, quando termina oficialmente a temporada, o volume colhido de cana-de-açúcar deve chegar a 545 milhões de toneladas.

Para a próxima temporada (2023/2024), que tem início oficial em abril, a expectativa também é de crescimento de volume e produtividade, com projeções que variam entre 570 milhões de toneladas e 595 milhões de toneladas. A expectativa é que a produtividade seja mais elevada, em torno de 6,5% até 8%, e isso se deve às chuvas que desde meados de outubro atingem a região Centro-Sul, melhorando a qualidade das lavouras.

O banco holandês Rabobank divulgou em seu relatório da segunda quinzena de janeiro que a produção total de açúcar na safra corrente deve ser de 32,5 milhões de toneladas e atingir 35 milhões de toneladas na safra 2023/2024. As projeções da Unica são similares.

As consultorias apontam, porém, que o total de cana-de-açúcar direcionada para a produção de açúcar ou de etanol dependerá das questões tributárias e será influenciado pela política de precificação da Petrobras, já que a gasolina compete com o etanol hidratado nas bombas. ■

PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL
Em milhões de toneladas



FONTE: CONAB

OFERTA CONTROLADA

NO CAMPO, OS POMARES SINALIZAM UMA BOA SAFRA DE LARANJA, MAS A PREOCUPAÇÃO COM O CLIMA AINDA GERA INCERTEZAS

por **VIVIANE TAGUCHI**

As floradas de laranja da safra 2023/2024, que ocorreram no segundo semestre de 2022, foram consideradas excelentes na região que engloba o cinturão citrícola de São Paulo e do Triângulo Mineiro. Em um primeiro momento, isso gerou uma expectativa bastante otimista para a próxima safra. Mas nem tudo são flores.

Pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esaq/USP) constataram que o clima na região após a abertura das flores e na fase de pegamento não foi o ideal em muitas áreas, o que pode indicar que a oferta de frutas será inferior à demanda.

Nesse cenário, de oferta inferior à necessidade industrial, as processadoras de suco devem absorver o máximo possível das frutas disponíveis. Com a alta demanda industrial, a oferta deve ser controlada no mercado doméstico de fruta fresca por mais um ano.

Na primeira semana de janeiro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou que a safra de citros da Flórida deve chegar a 44,5 milhões de caixas, o que seria a pior safra dos últimos 70 anos (devido a problemas climáticos e ao avanço do greening). Se esse volume for confirmado, a Califórnia produzirá mais laranjas que a Flórida pela primeira vez na história do país. Com isso, os preços do suco de laranja, que já estavam mais elevados desde a pandemia, tendem a manter a alta pelo menos até o ano que vem. ■



OTIMISMO NO RADAR

APÓS A QUEDA DAS EXPORTAÇÕES NO ANO PASSADO, SETOR APOSTA NA MELHORA DAS CONDIÇÕES INTERNAS, MAS A RETOMADA DO CONSUMO NA EUROPA AINDA PREOCUPA

por ELIANE SILVA

O SETOR DE FRUTAS TEVE UM ANO DIFÍCIL, especialmente para as exportações, que fecharam 2022 com uma receita de US\$ 1,076 bilhão, em queda de 11,6% em relação ao recorde de US\$ 1,218 bilhão obtido em 2021. O volume embarcado recuou 16%, enquanto o preço médio registrou alta de 5,2%. Os dados são do Agrostat, o sistema de informações sobre comércio exterior do Ministério da Agricultura.

Já o montante gasto com as importações de frutas no ano passado cresceu 26% e somou US\$ 719 milhões, enquanto o volume importado aumentou 34% e o preço médio recuou 6,3%. O destaque foi o aumento da importação de maçãs, que cresceu 143% em valor e 155% no volume desembarcado.

Nas palavras de Luiz Roberto Barcelos, diretor institucional da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), foi um ano de “tempestade perfeita”, com câmbio mais desfavorável, aumento dos custos de produção, além da seca que reduziu a produção de maçã no Sul e do excesso de chuvas que atrapalhou a qualidade da fruta do Vale do São Francisco.

Análise do Radar Rabobank aponta que o excesso de chuvas que ajudou no desenvolvimento das frutas cultivadas em sequeiro prejudicou a qualidade dos produtos da fruticultura irrigada, aumentando os custos de aplicações de defensivos e desregulando os ciclos produtivos da lavoura. Além disso, houve o entrave da logística, com aumento de até três vezes no preço do frete nos últimos dois anos, aliado à falta de contêineres e navios.

Tudo isso leva a uma projeção de que a partir de agora o cenário seja mais positivo. Para 2023, Luiz Roberto Barcelos, que é sócio da maior produtora e exportadora de melão do país, a Agrícola Famosa, prevê um ano melhor para o setor, já que os fretes começaram a baixar no fim de 2022, o euro se valorizou frente ao real e o clima está mais favorável no sul do país, embora a previsão seja ainda de muita chuva no Nordeste, na região do Vale do São Francisco.

Barcelos observa que a maior preocupação do setor diz respeito à queda no consumo de frutas na Europa, nosso maior mercado. “Esperamos uma recuperação em relação a 2022, mas o cenário ainda é

“Pela primeira vez, temos visto importadores europeus de frutas enfrentando problemas financeiros”

LUIZ ROBERTO BARCELOS,
presidente da Abrafrutas



FONTE: AGROSTAT/MAPA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

muito incerto, com os aumentos da energia e da inflação e a guerra no Leste Europeu. Pela primeira vez, temos visto importadores europeus de frutas enfrentando problemas financeiros.”

A equipe do projeto Hortifrúti Brasil, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepa), da Esalq-USP, também estima uma recuperação do setor de frutas em 2023, graças à expectativa de

custos mais baixos e às melhores condições climáticas. No mercado interno, o que preocupa os analistas é a demanda, já que as incertezas político-econômicas ainda devem limitar as previsões de crescimento econômico. Nas exportações, as incertezas são as mesmas da Abrafrutas: aumento global da inflação e guerra entre Rússia e Ucrânia.

Na análise do Rabobank, o câmbio e o fenômeno La Niña, que começa a perder força neste ano, merecem atenção do setor, mas a redução dos custos dos fertilizantes pode resultar em margens melhores para o produtor: “O hedge de câmbio, principalmente euro e dólar, é crucial para minimizar a exposição ao descasamento de moedas entre as despesas e recebimentos, o que é fundamental para controlar os riscos em períodos de grande volatilidade como o atual.”

DE VOLTA ÀS MESAS

DEVIDO À QUEDA NOS CUSTOS DE PRODUÇÃO, BATATA, TOMATE, CEBOLA E CENOURA SÃO OS CULTIVOS QUE DEVEM RECEBER MAIS INVESTIMENTOS NO DECORRER DE 2023

por ELIANE SILVA

A QUEDA NOS CUSTOS DE PRODUÇÃO, diante da desvalorização recente do preço de vários insumos, incluindo os fertilizantes, deve estimular os investimentos no cultivo de verduras e legumes. Os analistas da equipe do Hortifrúti Brasil (HB), do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/ Esalq/USP), acreditam que, devido à queda esperada nos preços e uma possível estabilização da inflação, os consumidores poderão elevar seu poder de compra desses produtos.

Segundo os analistas, a área cultivada com hortaliças em 2022 aumentou em relação aos dois anos anteriores, quando foram muito impactados pela pandemia de Covid-19. O aumento foi impulsionado, principalmente, pelas indústrias de tomate e de batata e pela recuperação parcial das áreas de alface e cenoura.

Em 2023, o aumento na área deverá se concentrar ainda na produção industrial de batata e tomate, mas está prevista também uma recuperação da área de cebola, graças aos bons preços do ano passado.

Os produtores de batata, que é um dos produtos mais consumidos pelos brasileiros, junto com tomate e cebola, devem atrair investimentos impulsionados pelo crescimento da demanda da indústria de batata pré-frita. A previsão do Cepea/USP é de crescimento de 3,1% na área.

No caso do tomate, os preços mais baixos praticados entre julho e setembro de 2022, devido à entrada no mercado do tipo rasteiro, devem resultar em diminuição de área na safra de inverno. A área total, no entanto, cresce 4%, estima a equipe do HB, impulsionada pela demanda industrial.

A cebola, que teve bons resultados em 2022, deve elevar um pouco sua área de plantio, limitada pelo elevado custo de produção. Os investimentos serão maiores em São Paulo, no Cerrado e no Nordeste. A rentabilidade vai depender das condições climáticas no campo. Em 2022, por causa das temperaturas mais baixas, houve florescimento das cebolas precoces.

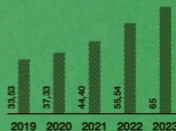
Segundo dados de inflação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cebola foi o produto que mais subiu de preço em 2022, com 130%, seguida pelo inhame (62%) e pela maçã (52%). O analista de economia da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais (Ceagesp), João Gabriel Alves da Costa, explica que em 2022 a cebola passou por uma quebra de safra, chegando a custar R\$ 100 a saca de 20 quilos. Isso levou muitos produtores do Centro-Oeste e Sul a antecipar a colheita, produzindo uma

“Os preços da cenoura no primeiro semestre podem ser melhores, mas não vão acompanhar os mesmos níveis do ano passado”

MARINA MARANGON,
analista do Cepea

PREÇO DO TOMATE ITALIANO

Em R\$ (caixa de 20 kg) - atacadista SP/Capital



FONTE: CEPEA

cebola cara e sem qualidade adequada para comercialização.

Marina Marangon, analista do Cepea, diz que em 2023 os preços da cebola tendem a ser mais baixos nas regiões que iniciam a colheita a partir de maio. Até lá, ela estima que os preços ainda estejam mais altos, devido à produção do Sul, afetada pelo clima. Os baixos retornos do ano anterior devem segurar os investimentos dos produtores de alface em 2023. A expectativa inicial é de manutenção na área cultivada da folhosa e de cautela no uso de novas tecnologias para obtenção de maiores margens. Nesse período de verão, segundo Marangon, os preços podem ser mais altos, por causa do clima chuvoso.

A cenoura deve manter sua área de plantio, pela concorrência por terras com o alho e pelo custo alto de produção, mas a previsão é de uma maior oferta no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2022.

“Os preços da cenoura no primeiro semestre podem ser melhores, graças ao clima chuvoso, mas não vão acompanhar os mesmos níveis do ano passado. No inverno, a tendência é de uma leve queda de área, por conta dos preços geralmente baixos em novembro e dezembro, mas vai depender dos resultados dos primeiros meses do ano”, diz Marangon. ■



EM BUSCA DE AUTONOMIA

COM A EXPANSÃO ACELERADA DA PRODUÇÃO NAS ÚLTIMAS SAFRAS, O BRASIL PROJETA SUPRIR A DEMANDA INTERNA EM MENOS DE CINCO ANOS, SEGUNDO A EMBRAPA

por CAROLINA MAINARDES

Vivemos um momento histórico, com a celebração da maior safra de trigo do Brasil, comemora Jorge Lemainski, chefe-geral da Embrapa Trigo. Os resultados de 2022 bateram recorde, com mais de 9,5 milhões de toneladas do grão - crescimento de 24,4% em relação a 2021, quando a safra foi de 7,7 milhões de toneladas -, conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). "Foi uma safra fantástica. Em menos de cinco anos, o Brasil será autossuficiente no trigo e, até 2030, devemos superar 20 milhões de toneladas. Ninguém nos segura mais", projeta Lemainski.

O destaque na produção segue com o Rio Grande do Sul, com 4,7 milhões de toneladas, a maior safra do grão já registrada no estado, o que representa 44,7% do trigo nacional na safra 2022. Foi uma variação de 36,1% em relação à safra gaúcha anterior, que registrou 3,5 milhões de toneladas. O Paraná é o segundo maior produtor do grão, com 3,5 milhões de toneladas - ou 41,4% da produção nacional. O volume paranaense foi 9,6% maior em comparação à safra 2021, quando foram colhidos 3,2 milhões de toneladas de trigo no estado.

Em todo o país, a produção cresceu 76% nos últimos cinco anos. "O trigo fará o mesmo caminho que a soja e o milho no Brasil. Temos hoje uma safra com um produto de excelência, de qualidade, como os melhores trigos do mundo", ressalta Lemainski.

As projeções da Embrapa Trigo consideram a linha de crescimento que vem sendo observada nos últimos anos. Em 2015, a produção nacional do grão foi de 5,5 milhões de toneladas, passando para 6,2 milhões de toneladas em 2020, chegando a 7,7 milhões de toneladas em 2021 e a 9,5 milhões de toneladas em 2022. De acordo com os pesquisadores, se a produção de trigo continuar crescendo 10% ao ano, o Brasil pode chegar a produzir 20 milhões de toneladas até 2030.

Com um consumo atual de 12,8 milhões de toneladas (estimativa de 2022), o volume será suficiente para atender à demanda interna e colocará o Brasil na lista dos principais países exportadores de trigo.

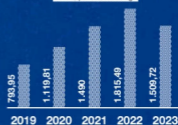
Estimativas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepa) apontam que o Brasil pode se tornar o décimo maior exportador da commodity ainda na temporada 2022/2023. Além da produção nacional crescente, a quebra de safra na Argentina e as tensões no Mar Negro, devido à guerra

"Temos hoje uma safra com um produto de excelência, de qualidade, como os melhores trigos do mundo"

JORGE LEMAINSKI,
chefe-geral da Embrapa Trigo

PREÇO MÉDIO DO TRIGO CEPEA/
ESALQ - RIO GRANDE DO SUL

Em R\$ por saca de 60 kg



FONTE: CEPEA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

entre Rússia e Ucrânia, estão entre as razões apontadas para a projeção.

O Brasil central - área de Cerrado - também é considerado uma região promissora para o grão, assim como o Nordeste. Juntos, os estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia e o Distrito Federal somaram em torno de 296 mil hectares de trigo na safra 2022, com produção que chegou a 840 mil toneladas. "O trigo começa

a se consolidar também nessa região, que tem muito espaço para ampliar o cultivo do grão, que entra como opção após as culturas principais do milho e da soja", explica Lemainski. A meta é ampliar em mais de 100 mil hectares a área de trigo na região nos próximos três anos, passando de 1,1 milhão de toneladas produzidas. "Serão 300 mil toneladas a mais, um impacto de R\$ 500 milhões", prevê.

O aumento da área nessas novas fronteiras tem sido prospectado pelo setor de pesquisa da Embrapa, visando à intensificação dos sistemas de produção agropecuária já existentes, com a introdução do trigo na rotação de culturas e o aproveitamento de áreas ociosas no inverno. A agenda na região conta com ações como organização de suprimentos de sementes e disseminação de boas práticas agronômicas. ■

SAFRA CHEIA

ESTIMATIVA DA CONAB É DE CRESCIMENTO DE 11,2% NA PRODUÇÃO DE MILHO NESTE ANO. MAIOR OFERTA DEVE PRESSIONAR OS PREÇOS NO PRIMEIRO SEMESTRE

por **WILHAN SANTIN**

COM A SOJA EM FASE DE COLHEITA, o produtor rural e engenheiro agrônomo Guilherme Pelanda já tem em mente as estratégias para a segunda safra, quando vai plantar milho, junto de seu pai, Domingos, e de seu irmão José Augusto, em uma área de 690 hectares, nos municípios de Palotina e Assis Chateaubriand, no oeste do Paraná.

Olhando para o futuro e as tendências que o mercado apresenta para o cereal, Pelanda explica que atualmente o custo de produção está de médio para alto, puxado principalmente pelos fertilizantes nitrogenados, que o Brasil importa em grande quantidade, inclusive da Rússia, país que vive as instabilidades do conflito bélico com a Ucrânia.

Por isso, o produtor deve estar atento ao mercado internacional e aos movimentos geopolíticos, preferencialmente travando, pelo menos, os custos de produção com vendas antecipadas. "Importante ter atenção também aos preços das sementes e às infestações de cigarrinha, que vão exigir aplicações de defensivos", destaca o agricultor.

Consultor sênior da Safras & Mercado, o economista Paulo Molinari afirma que a segunda safra brasileira do cereal deve ser expressiva e, por sua vez, recomenda atenção a uma conjuntura importante.

"A safra de milho na Europa começa em setembro. Até lá, os europeus comprarão da América do Sul. Estimamos que eles terão uma safra boa em 2023. Os Estados Unidos também devem produzir melhor, pois aumentarão a área de milho em 4 milhões de acres (1,61 milhão de hectares). A China, com sua nova legislação sanitária, poderá avançar em compras do Brasil na safra 2023, mas apenas o suficiente, entre 2 e 3 milhões de toneladas, para influenciar o preço de Chicago negativamente. É uma jogada estratégica. Com isso, os preços para os produtores brasileiros tendem a ser de alta no primeiro semestre e de baixa no segundo semestre, quando haverá mais milho no mercado mundial", detalha Molinari.

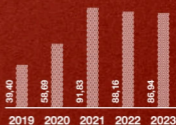
Na análise do economista, o valor de quase US\$ 7 por bushel (25,4 quilos) que a Bolsa de Chicago cotava no início de 2023 está acima do que deveria ser a média, em torno de US\$ 4 por bushel, daí a tendência de queda quando houver mais milho disponível.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu ter-

"O produtor deve estar atento ao mercado, preferencialmente travando, pelo menos, os custos de produção"

GUILHERME PELANDA,
produtor do oeste do Paraná

**INDICADOR DO MILHO
ESALQ/BM&FBÓVESPA**
(Em R\$ por saca de 60 kg)



FONTE: CEPEA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

ceiro Levantamento da Safra 2022/2023, estimou a produção total de milho neste ano (primeira e segunda safra) em 125,8 milhões de toneladas, número 11,2% superior a 2021/2022. Deste total, 80,5 milhões de toneladas suprirão o consumo interno e 45 milhões de toneladas serão exportadas para diversos mercados.

O maior montante vem da segunda safra, que alguns preferem

nominar safra de inverno ou "safrinha": 96,2 milhões de toneladas, segundo a Conab. A se confirmar, será a maior da história.

Segundo as projeções, o aumento do consumo interno será de 7,7% em relação à safra anterior, puxado pela produção de etanol a partir do milho e pelas cadeias de produção de aves e suínos. Já as exportações crescerão 8,4%.

Uma boa notícia que chega dos institutos que trabalham com o clima: o fenômeno La Niña, causado pelo resfriamento anormal das águas do Oceano Pacífico na região equatorial, provocando secas na região Sul e excesso de chuvas no Norte do Brasil, caminha para o fim, passando a uma condição de neutralidade, ou seja, com chuvas mais regulares, a partir de março. ■

SUPERSAFRA DE BEZERROS

COM MAIS CARNE NO MERCADO, CONSUMO DEVE VOLTAR A CRESCER, MAS ESPECIALISTAS AFIRMAM QUE PREÇOS DEVEM PERMANECER ALTOS NO BRASIL

por CLEYTON VILARINO

TRAÇAR UM PANORAMA DE PERSPECTIVAS PARA A PECUÁRIA DE CORTE requer olhar para o passado, e não basta apenas analisar o ano que se encerrou, mas todos os anos que compõem o ciclo reprodutivo dos animais, período em torno de cinco a seis anos, que vai da prenhez à idade de abate.

Após iniciar o ano cotado em R\$ 3 mil, o indicador do bezerro em Mato Grosso do Sul calculado pela Esalq/B3 encerrou 2022 com uma desvalorização acumulada de 16,7%. Embora acentuada, pode-se dizer que a queda já era esperada, diante da dinâmica do mercado pecuário. Com a valorização dos animais desde o final de 2019, aumentou a disponibilidade de fêmeas no campo, com maior produção na cria e, consequentemente, maior oferta dois anos depois.

“Os anos 2020 e 2021 foram anos de altas exuberantes e muito bem-vindas pelo produtor. Chamou a atenção da mídia porque o preço da carne subiu consideravelmente para o consumidor final, e foi isso que estimulou o pecuarista a reter as fêmeas”, explica Lygia Pimentel, diretora da Agrifatto Consultoria. “Isso aumentou o número de ventres livres pra reprodução, trazendo essa enxurrada de bezerros que vemos agora. E, se eles têm de continuar o ciclo, isso significa uma enxurrada de bois nessa virada de 2022/2023”, completa.

“O pecuarista tem de lembrar de olhar sempre onde está o bezerro, pois ele conta o que vem pela frente em termos de expectativa para o boi gordo. Em 2022, a margem da cria caiu bastante, para níveis que não víamos desde a última crise, em 2016 e 2017”, pontua Lygia, ao classificar o ano de 2023 como “desafiador”. “Temos um cenário um pouco mais aliviado, em termos de custo de reposição, mas, como o preço do boi também caiu, isso não ajudou, e a margem vai continuar apertada.”

Para a indústria frigorífica, que tem no boi gordo 80% do seu custo de produção, os sinais de inversão de ciclo pecuário indicam uma melhora das margens após algumas empresas do setor amargarem níveis de ociosidade acima de 50% nos últimos anos. “Se não houver nenhum choque ou coisa diferente que possa atrapalhar, a tendência é termos um ano mais tranquilo e favorável ao setor, tanto do ponto de vista de aumento da produção quanto de recuperação de preços”, avalia o presidente da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), Paulo Mustefaga.

“Temos um cenário um pouco mais aliviado, mas, como o preço do boi também caiu, isso não ajudou, e a margem vai continuar apertada”

LYGIA PIMENTEL,
diretora da Agrifatto Consultoria





Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

No caso do setor de lácteos, após um ano inteiro de forte volatilidade nos preços do leite, o que dificultou a vida do produtor, devido à alta nos custos de produção, a perspectiva para o mercado em 2023 é de maior previsibilidade. “Neste ano, possivelmente haverá uma melhora nos custos de produção, principalmente com alimentação. Há perspectiva para uma produção boa de soja na primeira safra, o que pode

refletir no preço do farelo de soja, que é um insumo importante da alimentação proteica das vacas”, explica a analista da Scot Consultoria Jéssica Olivier, ao destacar a queda dos preços no primeiro trimestre, quando também há melhoria das condições das pastagens.

Segundo ela, os preços devem continuar caindo, e a produção tende a aumentar neste primeiro trimestre, podendo levar a recuos, porém bem menos expressivos, quando comparados com os últimos meses de 2022, período em que os preços saíram de quase R\$ 3 para R\$ 2,5 por litro “Foram anos e anos de preços com poucas variações expressivas como ocorreram em 2022. Normalmente, há uma certa previsibilidade, mas não foi o que aconteceu em 2022. A perspectiva é que a retomada da estabilidade ocorra neste ano”, completa. ■

ALERTA SANITÁRIO

REPRESENTANTES DA AGROINDÚSTRIA AFIRMAM QUE O PAÍS ESTÁ PREPARADO PARA ENFRENTAR A INFLUENZA AVIÁRIA E PROJETAM NÚMEROS ANIMADORES PARA 2023

por **VIVIANE TAGUCHI**

O SETOR AVÍCOLA NACIONAL SÓ TERIA MOTIVOS para celebrar as tendências projetadas para 2023, não fosse a ameaça da influenza aviária (H5N1). A doença, que já se alastrou por pelo menos 70 países produtores de carne de aves no Hemisfério Norte, que foram obrigados a sacrificar cerca de 150 milhões de aves, chegou à América do Sul neste começo do ano, colocando as autoridades sanitárias em alerta máximo. Especialistas apontam que este é o principal ponto de atenção que os agentes devem ter nos primeiros meses do ano e que das ações sanitárias adotadas vai depender o desempenho do setor no restante de 2023.

As duas quedas se devem, respectivamente, aos altos custos de produção. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que representa as agroindústrias avícolas do país, apresentou projeções animadoras para o setor: em 2023, a produção de frangos no país deve somar 17,750 milhões de toneladas, 2% acima do volume produzido em 2022. Deste montante, 9,750 milhões de toneladas serão destinados para abastecer o mercado doméstico e 5,3 milhões de toneladas (+8% em relação a 2022), o mercado externo. "O Brasil, que já mantém a liderança global de exportações de carne de frango, deve incrementar ainda mais suas vendas em 2023", afirma Ricardo Santin, presidente da entidade.

Analistas do Rabobank reforçam que a atenção ao avanço da influenza será um fator-chave para o setor. "A experiência com o vírus na Europa e na América do Norte aumenta as preocupações com o resto da América do Sul, particularmente se a gripe aviária atingir regiões produtoras do Brasil, o que poderia impactar mercados globalmente", aponta um relatório emitido pela instituição no início de janeiro. "A gripe aviária também pode trazer oportunidades para o Brasil, principalmente na Europa e na Ásia, onde a oferta está baixa."

Já as perspectivas para o setor de ovos, em 2023, apontam para uma pequena queda na produção e no consumo doméstico, que ainda são reflexos da economia brasileira pós-pandemia, mas as exportações tendem a aumentar, principalmente para países do Oriente Médio e Ásia.

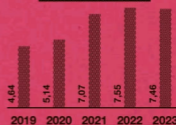
A ABPA indica que a produção de ovos no Brasil em 2023 deve chegar a 51 bilhões de unidades, o que representará 2% a menos que em 2022 (52,075 bilhões de unidades), e o consumo per capita deve ser de 235 uni-

"As vendas externas de ovos devem crescer 10% em relação às 9,474 mil toneladas embarcadas no ano passado"

RICARDO SANTIN
presidente da ABPA

PREÇOS DO FRANGO CONGELADO CEPEA/ESALQ - ESTADO SP

Atacado, média FSAggl Grande Silo Passo,
Silo José do Rio Preto e Descalvado



FONTE: CEPEA

dades, 2,5% menor que no ano passado (241 unidades per capita).

Apesar de menor, as perspectivas apontam que a demanda doméstica por ovos não deve ser um empecilho para o setor ao longo de todo o ano. Um relatório divulgado no início da segunda quinzena de janeiro pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP) indicou que, mesmo com o poder de compra da população ainda fragilizado, a demanda por ovos tende a seguir aquecida. "Por outro lado, o baixo crescimento econômico esperado para 2023 pode limitar a demanda por parte da indústria alimentícia por ovos processados", alertam os pesquisadores do Cepea.

Se, por um lado, o consumo doméstico parece lento, as exportações de ovos terão um impulso neste ano, segundo a ABPA. A entidade projeta que as vendas externas de ovos devem crescer 10% em relação às 9,474 mil toneladas embarcadas no ano passado. Países como Emirados Árabes, Catar e Japão foram os principais compradores de ovos brasileiros no ano passado e, de acordo com Santin, a tendência é que esses países reforcem suas compras no decorrer do ano. ■



DEMANDA AQUECIDA

CONSUMO DEVE SER MAIOR NO MERCADO BRASILEIRO E SETOR SE PREPARA PARA EXPORTAR MAIS CARNE EM 2023, PRINCIPALMENTE POR CAUSA DO APETITE CHINÊS

por **VIVIANE TAGUCHI**

INCERTEZAS ECONÔMICAS COMO A RECESSÃO GLOBAL, inflação, enfraquecimento do consumo em todo o planeta e a lenta recuperação do poder de consumo no mercado doméstico são os principais fatores que colocam os diversos setores do agronegócio em um estado de alerta, à espera de melhorias, neste começo de ano. Apesar disso, há um clima de otimismo grande no setor de suínos, que deve ter um significativo crescimento no período, conforme análises de especialistas e representantes da cadeia produtiva.

Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), isso se deve ao aumento das demandas, interna e externa, pela carne suína. “No Brasil, o poder de compra tende a se manter fragilizado, mas por sua vez, acaba aquecendo a demanda doméstica pela carne suína, que apresenta mais competitividade frente a outras, como a bovina”, aponta o relatório da instituição, divulgado em janeiro. De acordo com os especialistas, as estratégias da indústria em investir em diversificação e posicionamento do produto suínico no mercado doméstico devem ser mantidas em 2023, fortalecendo a demanda pela proteína.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) também aposta em um crescimento do setor, mesmo depois de um ano desafiador como foi 2022, que registrou queda nas exportações. Suas projeções indicam que a produção de carne suína no país, em 2023, deve aumentar 4% em relação ao volume produzido no ano passado, chegando a 5,150 milhões de toneladas, enquanto o consumo per capita pode aumentar até 3%, com 18,5 quilos por pessoa.

Ricardo Santin, presidente da ABPA, diz que, nos últimos anos, com a disparada dos preços das carnes bovina, por exemplo, o consumidor brasileiro olhou para a carne suína com mais simpatia e, agora, com a redução do nível de desemprego no país e o aumento do salário-mínimo, esse consumo deve continuar aquecido. A ABPA estima que, do total de carne suína produzida no país, 3,950 milhões de toneladas serão destinadas a abastecer a demanda interna.

Em 2022, foram produzidas 5 milhões de toneladas de carne suína no Brasil, 6,5% a mais que no ano anterior. “Esse volume foi o maior já registrado na suinocultura brasileira e a tendência é que essa produção

“A produção de carne suína no país, em 2023, deve aumentar 4% em relação ao volume produzido no ano passado”

RICARDO SANTIN
presidente da ABPA



Fonte: CEPEA



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

amente para atender à demanda interna e externa", diz Santin.

As exportações também devem aumentar no decorrer do ano. A ABPA estima um aumento de 12% em relação ao ano passado, algo em torno 1,250 milhão de toneladas. "O dólar, nos níveis atuais, facilita as exportações brasileiras", aposta o executivo.

Segundo ele, as principais preocupações do mercado global de su-

ínos continuam sendo as mesmas que vem marcando o setor nos últimos dois anos: o alto custo de produção, com os preços de rações (farelo de soja e milho), energia elétrica e o petróleo mais caros, os impactos da Peste Suína Africana e os gargalos com mão de obra e logística.

A China deve continuar sendo o principal importador da carne suína brasileira em 2023, com 41% do volume total, apesar da redução registrada em 2022, seguida por Hong Kong, com 9%, e Filipinas, com 8%. No entanto, a expectativa, agora, é a realização do Festival da Primavera Chinês, que movimentará um grande volume de carne suína no país, e a estabilização do mercado, com a reabertura do setor de food service, fechado devido às medidas de combate à onda de Covid-19 que atingiu o país no final de 2022.



À ESPERA DE ESTÍMULO

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

APESAR DE AUMENTO DAS VENDAS EM 2022, SETOR SEGUE PREOCUPADO COM A ESCASSEZ DE CRÉDITO DESTINADO À RENOVAÇÃO DE MAQUINÁRIO

por **CASSIANO RIBEIRO**

A MUDANÇA DE GOVERNO, A ALTA DOS JUROS E A ESCASSEZ DE CRÉDITO oficial desenham um cenário nebuloso para o mercado de maquinários e implementos agrícolas neste ano. O setor vem observando um forte freio na liberação de recursos destinados aos programas oficiais de estímulo à compra de maquinários nos últimos anos. No ano passado, por exemplo, o dinheiro anunciado pelo governo federal no Plano Safra e direcionado ao Moderfrota durou dois meses. Havia uma demanda reprimida de contratos já fechados entre produtores e indústrias, sem contar os novos pedidos. No entanto, as vendas de tratores, colhedoras e demais tecnologias aumentaram, segundo dados de associações que monitoram o setor. Essa alta é atribuída principalmente ao fato de muitos produtores estarem capitalizados. Também tem a ver com o interesse em garantir renovação das máquinas antes de uma nova onda de alta dos juros e encarecimento dos financiamentos. A Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) acredita que o desempenho do segmento em 2023 está diretamente associado ao novo Plano Safra, a ser anunciado pela gestão do presidente Lula no meio do ano. Do ponto de vista macro e de novidades, espera-se uma onda de lançamentos de tratores e colhedoras sustentáveis. Grandes fabricantes têm apostado na eletrificação e em outros combustíveis renováveis, além de autonomia e integração das tecnologias já existentes. ■

MODERFROTA POR SAFRA

Valores em R\$ bilhões



FONTE: SISTEMA DE OPERAÇÕES DO CRÉDITO RURAL E PRODUTO

DE OLHO NA SAFRA

OS PREÇOS DAS RAÇÕES DEVEM SE MANTER ESTÁVEIS EM 2023, GRAÇAS AO AUMENTO DA PRODUÇÃO DE MILHO E SOJA, PRINCIPAIS MATÉRIAS-PRIMAS DA ALIMENTAÇÃO ANIMAL

por **VENILSON FERREIRA**

DEPOIS DE DOIS ANOS DE PRESSÃO NOS custos de produção, devido à alta das cotações do milho, provocada pela quebra de safra em 2021 e pelo aumento das exportações do cereal em 2022, as perspectivas para 2023 são de estabilidade nos preços das rações, que ainda devem se manter em patamares elevados.

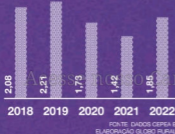
Caio Augusto Monteiro, analista do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), diz que a tendência é de queda no preço da ração a partir da colheita da segunda safra de milho, que neste ano está sendo plantada dentro da janela ideal, na sequência da colheita de soja.

Ele observa que, mesmo assim, os custos da alimentação dos rebanhos deve ser manter elevado em relação à média das safras anteriores e alerta que pode haver surpresas se houver uma grande exportação de milho. "Mas a disponibilidade interna tende a ser satisfatória para evitar aumentos de preços mais expressivos do que ocorreram nos últimos dois anos."

No caso dos demais segmentos da pecuária de corte - recria, engorda e terminação -, os dados preliminares do Cepea apontam uma alta de 4% a 5%, por causa da alta dos preços dos grãos. Para a pecuária leiteira, a estimativa é de alta de 2% no custo da ração, bem abaixo do aumento de 13,5% registrado em 2021, quando houve quebra da safra de milho. Ele calcula que o concentrado deve comprometer 35% da receita da venda do leite este ano em algumas regiões para sistemas mais tecnificados.

RELAÇÃO ENTRE OS PREÇOS DO LEITE E DO MILHO

1 litro de leite por quilo do cereal





ACOMODAÇÃO DE PREÇOS

APÓS DISPARADA NA COTAÇÃO DAS MATÉRIAS-PRIMAS EM 2022, POR CAUSA DA GUERRA NA UCRÂNIA, EXPECTATIVA É DE MENOR PRESSÃO SOBRE OS CUSTOS DE PRODUÇÃO

por **RAPHAEL SALOMÃO**

Os preços de fertilizantes devem ter uma acomodação, pelo menos no primeiro trimestre de 2023. A expectativa é de cotações em patamares menos elevados dos principais nutrientes, depois das fortes altas observadas no ano passado. Segundo o Rabobank, em janeiro de 2021 o cloreto de potássio custava, em média, US\$ 263 por tonelada. Em janeiro de 2022, a cotação estava em US\$ 796, passando para US\$ 1.184 em abril. Em dezembro de 2022, caiu para US\$ 520 a tonelada.

A ureia, em janeiro de 2021, valia, em média, US\$ 344 a tonelada. Em janeiro de 2022, estava em US\$ 693; em abril, US\$ 863; e em dezembro do ano passado, caiu para US\$ 490.

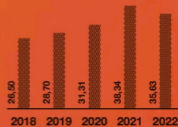
"Os preços não devem voltar ao 'normal', porque ainda estamos em um cenário de guerra entre Rússia e Ucrânia. Mas é um cenário que não vai ser tão complicado quanto a gente observou em 2022", resume o analista do Rabobank, Bruno Fonseca.

Fonseca lembra que os produtores com níveis maiores de adubação em safras anteriores usaram menos fertilizante. Mas houve quem manteve os volumes aplicados e também quem buscou opções como produtos biológicos para garantir a nutrição do solo e conseguir boa produtividade.

Com os preços mais elevados, o adubo pesou mais no custo de produção. Em Mato Grosso, a despesa do produtor com o insumo na safra 2022/2023 aumentou 111,8%, para R\$ 2.417,29 por hectare.

IMPORTAÇÃO DE ADUBOS E FERTILIZANTES DE JAN A NOV

Em milhões de toneladas



FONTE: COMEX STAT | ELABORAÇÃO: CONAB

RETOMADA DA PRODUÇÃO

AUMENTO DA OFERTA PELOS PRINCIPAIS FORNECEDORES MUNDIAIS DE DEFENSIVOS DEVE SE REFLETIR EM TENDÊNCIA DE QUEDA DE PREÇOS DAS MOLÉCULAS

por ELIANE SILVA

Dependente de importações, o Brasil compra de China, Índia, Estados Unidos e Europa pelo menos 70% dos defensivos que usa nas lavouras. No começo de 2022, assim como ocorreu com os fertilizantes, houve um aumento significativo de preços desses produtos, especialmente os genéricos.

Mesmo com a subida de preços, não houve redução de importação, porque cooperativas e distribuidoras adiantaram as compras de defensivos, por medo de faltar produtos, e fizeram seus estoques. No caso do glifosato, por exemplo, segundo dados do Rabobank, chegaram aos portos brasileiros até outubro do ano passado 133 mil toneladas do produto, ante 97 mil toneladas da média dos últimos cinco anos. Mas chegaram com um custo bem maior: US\$ 10.300 a tonelada, contra a média de cinco anos de US\$ 3.800.

Para 2023, os analistas do banco holandês estimam que deve haver uma retomada da produção nos principais países produtores, o que deve refletir numa tendência de queda de preços das moléculas.

Rafael Soares, analista do setor de defensivos químicos e biológicos da consultoria Yeb Inteligência de Mercado, concorda que os preços devem cair porque a China voltou a produzir mais nos últimos meses de 2022 e a demanda internacional ficou mais fraca. A tendência, diz ele, é de redução de compras e as empresas que têm estoque do ano passado podem ter dificuldades para vender os produtos se não reduzirem bem suas margens. ■



GASTOS COM DEFENSIVOS NA SOJA OGM EM MT

Em R\$ por hectare



FORN: BMSA

Até à vista, caro leitor

SOU GRATO À GLOBO RURAL POR TER ME OFERECIDO HÁ 13 ANOS TÃO NOBRE ESPAÇO DE LIBERDADE PARA EXPRESSAR OPINIÕES E PREOCUPAÇÕES, QUANDO EXISTIRAM

Caríssimo leitor, nos últimos 13 anos tenho escrito mensalmente artigos nesta prestigiosa revista. Antes disso, já havia publicado aqui vários textos esparsos, mas, de 2010 em diante, não "pulei" nenhum mês. Foram aproximadamente uns 150 artigos. Ao longo de todo esse tempo, desde novembro de 2006, tive também o privilégio de coordenar o FGVAgro, Centro de Agronegócio da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

E agora decidi encerrar este produtivo e feliz ciclo de minha vida. Desde 31 de dezembro passado deixei a coordenação do FGVAgro, no qual seerei substituído por Guilherme Bastos, um excelente profissional que já prestou grandes serviços ao agronegócio brasileiro, seja na academia, seja no setor privado, seja no setor público, no qual, mais recentemente, foi presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, no exitoso mandato da ex-ministra Tereza Cristina.

Na mesma onda de "final de ciclo", penso ter chegada a hora de me despedir de você, caro leitor, e encerrar o prazeroso labor de escrever aqui sobre o setor agro, que tanto amamos e ao qual tanto devemos. Como em toda despedida de alguém que queremos bem, há uma certa tristeza nessa. Mas como não é uma separação, é apenas um até logo, mais fortes que a tristeza



estão a gratidão pela sua atenção durante tanto tempo e a alegria de termos "viajado" juntos pela estrada nem sempre tranquila da economia rural. Sou também profundamente grato à revista por ter me oferecido tão nobre espaço e liberdade para expressar opiniões e preocupações, quando existiram. Muito obrigado, caro leitor! Muito obrigado, GLOBO RURAL!

Muita coisa vivi nos últimos 25 anos, dos quais esses 13 foram um núcleo central.

Ao longo deles, fui presidente da Abag (Associação Brasileira do Agronegócio), do Cosag (Conselho Superior do Agronegócio) da Fiesp (que instalei), do Conselho Consultivo da Unica, do LIDE Agronegócio, da Agrishow, da Esalq-Show, e hoje presido a Academia Brasileira de Ciência Agronômica. Fui membro de conselhos de administração e consultivo de

dezenas de instituições, de clássistas a acadêmicas ou empresariais. E sigo ainda nessas funções.

Fui professor de cooperativismo no Departamento de Economia Rural da Unesp, campus de Jaboticabal, da qual me aposentei em 2012, ao completar 70 anos. Fui o primeiro titular da Cátedra de Agronegócio Luiz de Queiroz da USP e também da Cátedra de Agronegócio do IICA (Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola, da OEA), e embaixador da FAO para as cooperativas.

Fui ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de janeiro de 2003 a julho de 2006, quando tive a oportunidade de construir, com a parceria da Frente Parlamentar da Agropecuária, alguns instrumentos essenciais para o setor rural, como o Seguro Rural, a Lei de Biossegurança, o biodiesel, os Títulos do Agronegócio, lancei o ILPF, criei os Adidos Agrícolas e o Centro de Agroenergia da Embrapa, reformei o Mapa, e muito mais, tudo com uma equipe de alta qualidade e contando com o excepcional corpo técnico do ministério.

É isso aí, caro leitor. Mais uma vez, muito obrigado! Desejo-lhe uma longa vida, com saúde, paz, harmonia, sucesso e felicidade. Até à vista! ■

Roberto Rodrigues é coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e presidente da Academia Brasileira de Ciência Agronômica

O desafio da Amazônia

É HORA DE COBRARMOS DOS PAÍSES DESENVOLVIDOS OS SUBSÍDIOS PROMETIDOS PARA AS POLÍTICAS DE MITIGAÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

A Amazônia Legal, com seus 5,2 milhões de km², área maior que a União Europeia, foi instituída no Brasil pela Lei 1.806, de 1953, com a proposta de proteger o bioma amazônico e promover o desenvolvimento socioeconômico da região.

Ela foi concebida em um contexto sociopolítico e não somente geográfico e, por isso, extrapola o bioma Amazônia, envolvendo o Cerrado e o Pantanal, abrangendo áreas em nove estados, equivalente a 60% do nosso território. Se fosse um país, ocuparia a sétima posição mundial em extensão. A região sempre esteve na pauta das políticas governamentais do Brasil.

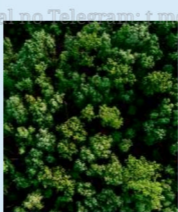
Longe dos polos de desenvolvimento, pouco povoada e quase inacessível, ela nem sempre pertenceu ao Brasil. Pelo Tratado de Tordesilhas, a maior parte da Amazônia pertencia aos espanhóis, o que só viria a ser alterado com novo acordo firmado em 1750, quando então foi integrada ao território nacional.

A extração do látex, que deu origem ao Cielo da Borracha, um produto exclusivo da região, foi seu primeiro impulso econômico. Porém, a entrada no mercado da Malásia desacelerou seu crescimento.

Até os anos 1970, a Amazônia estava praticamente intocada, com apenas 1% de desmatamento. Esse quadro mudaria, fruto da política de integração da Amazônia durante o governo militar, quando foram criados incentivos para

o povoamento da região, a Zona Franca de Manaus e o início da interminável Rodovia Transamazônica.

Basicamente, era uma atrativa terra de ninguém, o que propiciou o aumento da extração ilegal de madeira, garimpos e grilagem de terras. Com a constituição de 1988, foram estabelecidos



marcos legais para a preservação ambiental, proteção aos povos indígenas e extração de madeira e minerais, mas, mesmo assim, o desmatamento aumentou, atingindo 18% da região.

O Código Florestal brasileiro determina que 80% da área das propriedades nessa região deve ser preservada. A questão que se coloca é: podemos continuar preservando essas áreas e seguir aumentando a produção de

alimentos? Sim, e muito. Dados comprovam essa afirmativa: em 2004, tivemos o ápice dos níveis de desmatamento do milênio, mas, desse ano em diante, embora com flutuações, a tendência é de redução.

Além disso, no mesmo período, o PIB agropecuário triplicou, mostrando que desmatar não é função de crescimento. A abertura de novas áreas exige investimentos. Se esses investimentos fossem direcionados para a recuperação de áreas já em uso, seríamos capazes de dobrar a produção sem derrubar uma única árvore a mais sequer.

Na pecuária de corte, por exemplo, onde 95% dos animais são produzidos a pasto, a realidade é que 80% das pastagens estão muito aquém de sua capacidade produtiva. Infelizmente, no avanço de cada novo hectare aberto, outro totalmente esgotado é abandonado.

A recuperação dessas áreas é a chave para uma pecuária produtiva e sustentável, algo amplamente apoiado pelo mundo inteiro. E, exatamente por isso, é hora de cobrarmos dos países desenvolvidos os subsídios prometidos para as políticas de mitigação das mudanças climáticas. Assim, eles podem até exigir o nosso compromisso inegociável de preservarmos a Amazônia. ■

Luiz Josahkian é zootecnista, professor de melhoramento genético e superintendente técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)

INFRAESTRUTURA | ARMAZENAGEM

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH



MAIS SILOS NO CAMPO

PARA GARANTIR RENTABILIDADE, PUBLICITÁRIO PREMIADO EM CANNES INVESTE EM ARMAZENAGEM NA BAHIA ANTES MESMO DE SEMEAR O PRIMEIRO GRÃO

por **ELIANE SILVA**

Acesse nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILTREASH](#)



SEGURANÇA

O primeiro silo secador portátil foi instalado em 2015 na Fazenda Barracatu

FELIPE AUGUSTO ALONSO, TERCEIRA GERAÇÃO de uma família de publicitários que, nos anos 1940, fundou a agência Norton, em 2017 conquistou quatro Leões no Festival de Cannes - dois deles de ouro, um de prata e outro de bronze - por uma campanha para a Heinz, multinacional americana que produz ketchup, maionese, mostarda e outros alimentos.

Três anos antes, no entanto, o publicitário com especialização em cinema já estava envolvido com outra atividade: a agricultura. A família Alonso comprou uma fazenda de 1.756 hectares no município baiano de Barra, à beira do Rio São Francisco e a batizou de Barracatu (ou Barra Linda, em tupi-guarani).

“Antes de plantar o primeiro grão, já tínhamos o projeto de construir silos para armazenar a produção, seguindo o estilo de trabalho dos fazendeiros americanos, que usam máquinas grandes e pouca mão de obra. A ideia era não ter fila de caminhões na colheita e não depender dos silos terceirizados, cujas contas são favoráveis a eles, e não aos produtores”, conta Felipe.

O plano é crescer em módulos na produção (atualmente são 400 hectares), na irrigação (a fazenda tem dois pivôs de um projeto de nove) e na armazenagem. O primeiro silo secador portátil, com capacidade de limpar 40 toneladas de grãos por hora, foi instalado em 2015.

Em 2022, Felipe investiu no segundo silo, um modelo com capacidade de limpar 100 toneladas por hora. A capacidade de armazenagem atual é de 15 mil sacas, mas deve passar para 100 mil em dois anos, com a instalação de um silo armazenador.

O publicitário-produtor conta que o preço dos equipamentos, da estrutura civil e dos prestadores de serviço mais do que dobrou na comparação com os gastos somados no primeiro silo. A montagem, por exemplo, que em 2015 custou R\$ 30 mil, no ano passado subiu para R\$ 130 mil.

O investimento total no segundo silo passa de R\$ 2 milhões, sendo metade relativa à obra civil. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) financiou a parte dos silos e a família usou recursos próprios para a obra civil, que inclui terraplenagem, construções e parte elétrica.

Ele conta que, mesmo com o aumento de custos, deci-

“Antes de plantar o primeiro grão, já tínhamos o projeto de construir silos para armazenar a produção”

AUGUSTO ALONSO,
produtor em Barra (BA)

Instagram: t.me/BRASILTRASH

diu fazer o investimento, porque, a partir de 200 hectares, já vale a pena ter uma estrutura inteligente de armazenagem na fazenda.

O silo, diz ele, traz ao produtor a tranquilidade de poder tirar a soja da fazenda na hora que quiser, saber quanto há de umidade e impurezas nos grãos e negociar o preço. Isso se torna mais importante ainda na região da propriedade, devido à distância dos centros armazenadores e beneficiadores. Por lá, existem 37 fazendas de grãos, mas só a Barracatu tem silos.

Produtor de grãos em áreas de renovação de canais do interior paulista, que somam cerca de 1.000 hectares, o administrador de empresas Sérgio Battistella Bueno também decidiu investir R\$ 5 milhões no ano passado em estruturas de armazenagem em sua fazenda, no município de Morro Agudo.

“Na região, os caminhões ficam dias na fila para descarregar nas tradings e o produtor só recebe o preço de balcão. Como eu já tenho estrutura de armazenagem na minha fazenda de grãos e pecuária no



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRAZILTRASH

PLANEJAMENTO_ Estrutura própria permite que o produtor saiba quanto há de umidade e impureza nos grãos

Tocantins que funciona bem com apenas dois funcionários, decidi investir na implantação de um silo desenhado para minha produção em São Paulo, visando colher na hora certa e vender no mercado disponível com preços de 3% a 5% maiores que os do balcão.”

O projeto tem capacidade para armazenar 50 mil sacas, mas, por ser modular, pode crescer até 100 mil. Atualmente, Bueno produz cerca de 70 mil sacas de soja. O produtor obteve uma linha de crédito do PCA (Programa de Construção e Ampliação de Armazéns), com juros de 7% e 12 anos para pagar. O pay-back esperado é de cinco anos.

A obra começou em setembro e deve ficar pronta em março deste ano. Segundo ele, todo produtor rural deveria se preocupar com armazenagem, pois isso agrega segurança e menos riscos de perdas. “Não custa tão caro, não é difícil de operar e traz muitos benefícios ao produtor.”

Magnos Evaldo Lindorfer, produtor de soja (1.200 hectares), milho (200 hectares) e algodão (710 hectares) em Dom Aquino, em Mato Grosso, também destaca os

benefícios de ter estruturas de armazenagem na fazenda. Há três anos, ele investiu R\$ 4,5 milhões para driblar as dificuldades na hora da colheita e diz que a obra, composta por dois silos, com capacidade para 32 mil sacas e um silo pulmão de 5 mil sacas, já se pagou.

“Nas últimas três safras, colho em janeiro e vendo a produção o ano todo, aproveitando o melhor momento. No silo, a qualidade dos grãos para exportação se mantém durante todo o tempo de armazenamento.”

E 2022 foi um “ano de ouro” para as indústrias que produzem soluções para armazenagem, apesar da inflação da construção civil e do esgotamento rápido dos recursos do Plano Safra. A avaliação é de executivos das empresas Kepler Weber, Gran Final e GSI.

“A demanda continua robusta e o sufoco dos fertilizantes já passou. Superamos pandemia, dificuldade na cadeia de suprimentos em quantidade e preço e inflação”, afirma Piero Abbondi, CEO da Kepler, indústria gaúcha que lidera o mercado, com participação de cerca de 40%.

Daniel Belani, gerente-geral de vendas América do Sul da GSI (braço de armazenagem da multinacional AGCO, dona também da Massey Ferguson e Valtra), diz que 2022 foi um ano maravilhoso para a companhia porque os fundamentos da área agrícola garantiram um mercado demandante de armazenagem.

“Nos últimos quatro a cinco anos, crescemos acima de dois dígitos. O produtor está bem capitalizado, com rentabilidade boa em soja e milho, e o Brasil acelerou o crescimento anual na produção de grãos.”

Paulo Bertolini, presidente da Câmara Setorial de Armazenamento de Grãos (CSEAG) da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) e dono da indústria Gran Finale, afirma que o ano foi realmente de carteira cheia para as empresas do setor, mas destaca que houve uma queda brusca nos últimos meses, devido à tensão com as eleições.

Abbondi, da Kepler, admite que houve uma interrupção, mas diz que isso ocorreu em todos os setores, porque toda mudança de governo gera incertezas. “A Kepler se mantém confiante. O produtor está no meio da safra e deve começar a tomar decisões em fevereiro ou março. É só uma questão de tempo para ver como serão os juros e o financiamento.”

Segundo o executivo, o novo ano não deve ser tão pujante como 2022, mas vai ser bom, pois o produtor tem de investir para enfrentar a pressão de não ter onde guardar os grãos e para não perder dinheiro na hora da venda.

Belani, da GSI, concorda com o CEO da Kepler. “Não chamaria de paralisação, e sim de momentos de certa apreensão, que não diferem de eleições anteriores. O ritmo de tomada de decisão desacelerou nos últimos meses, mas, assim que as regras estiverem claras, o agro recompõe seu ritmo.”

Bertolini diz que, mesmo com o aumento de projetos, o déficit anual de armazenagem no país já passa de 100 milhões de toneladas, visto que a capacidade instalada não cresce no mesmo ritmo da produção de grãos, que bate recordes todos os anos.

Segundo ele, não falta interesse do produtor, tecnologia nem capacidade da indústria de expandir a produção dos equipamentos. O que faltam são linhas de crédito com juros e prazos compatíveis com o payback do investimento.

Nas contas do dirigente, para aumentar a capacidade

estática de armazenagem no Brasil, seria necessário investir pelo menos R\$ 15 bilhões por ano para recuperar o que não se investiu nos anos anteriores, mas, do PCA de R\$ 5,13 bilhões anunciado no Plano Safra em junho, foram liberados apenas R\$ 2 bilhões. Resta ao produtor buscar recursos no mercado financeiro, com juros que chegam a 17%, em vez dos 7% da linha subsidiada.

Bertolini afirma que, desde a criação do PCA, a estatística da capacidade de armazenagem nas fazendas praticamente não mudou, permanecendo na casa de 15%, índice que ultrapassa os 60% nas fazendas americanas.

Bernardo Nogueira, diretor comercial da Kepler, concorda que o aumento anual da capacidade de armazenagem no país não atinge nem a metade do necessário para manter o déficit estável. “Devemos ter um problema grande na safra de soja deste ano, que deve ter 30 milhões de toneladas a mais. Armazenar milho a céu aberto no Cerrado no tempo seco é uma coisa. Agora, armazenar soja a céu aberto em janeiro e fevereiro, época de chuvas, é impossível.”

“A Kepler se mantém confiante. O produtor está no meio da safra e deve começar a tomar decisões em fevereiro ou março”

PIERO ABBONDI,
CEO da Kepler Weber



Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

INVESTIMENTO

Capitalização dos produtores favoreceu avanço de projetos de armazenagem em 2022

Boi na sombra

A INTEGRAÇÃO DE AGRICULTURA COM PECUÁRIA AVANÇA NO PAÍS
E REVOLUCIONA OS RESULTADOS EM CAMPO

por DENISE SAUERESSIG, de BREJO E PINDARÉ-MIRIM (MA)*

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

PECUARISTAS DE BOA PARTE DO BRASIL convivem anualmente com uma realidade desafiadora. É quando as altas temperaturas e a escassez de chuvas, que duram em torno de seis meses, comprometem o desempenho das pastagens e, conseqüentemente, a produtividade dos rebanhos.

Os altos custos da suplementação da alimentação do gado com ração tornam inacessível a estratégia para todos. É aí que entram práticas de manejo que valorizam o bem-estar animal e resultam em ganhos financeiros para a atividade.

Em Brejo, município do extremo leste do Maranhão, a família proprietária da Fazenda Barbosa é referência na região. Há cerca de dez anos, eles adotam com êxito a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), prática de intensificação sustentável que favorece a qualidade do pasto e o conforto térmico dos animais com o sombreamento proporcionado pelas árvores.

"O sol aqui é muito forte. Se o gado não tiver sombra, não se alimenta direito. Se não tomar água na quantidade adequada, se não houver condição para que ele expresse seu potencial genético, a produção

não será a mesma", destaca a médica-veterinária Viviana Barbosa, que administra o segmento pecuário da fazenda.

Na propriedade de quase 1.000 hectares, a ILPF integra um sistema diversificado que inclui o plantio de capim consorciado com milho depois da colheita da soja. O eucalipto e 12 espécies de árvores nativas formam o componente florestal.

O produtor Vitor Barbosa, pai de Viviana, lembra que, antes da integração, o gado emagrecia, porque não tinha o que comer. "O normal é termos chuva até o final de maio e, depois, só em dezembro. É um período muito longo de estiagem", explica.

Hoje com 74 anos, ele e a esposa, Fátima, lideraram a incursão da família ao interior do Maranhão, no início dos anos 2000. Depois da aposentadoria como bancários no Rio Grande do Sul, os dois decidiram que era o momento certo de realizar o projeto antigo de viver no campo e chegaram à região em uma época de pouquíssima infraestrutura. Mais tarde, chegaram Viviana e o genro, Fernando Devicari, geógrafo que cuida de toda a parte agrônoma da fazenda.



LOTAÇÃO _ A Fazenda Barbosa tem, em média, 2,5 cabeças por hectare, enquanto na região o índice é de apenas 0,8 cabeça por hectare

No Maranhão, a família contou desde o início com o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que prestou assessoria para a implantação do projeto de ILPF. Hoje, a propriedade é uma Unidade de Referência Tecnológica (URT) e sedia dias de campo da Rede ILPF, associação formada por Bradesco, Cocamar, Embrapa, John Deere, Soesp, Suzano e Syngenta.

Seu Vitor recorda que a primeira área implantada com integração lavoura-pecuária (ILP, sem o componente florestal) preencheu 10 hectares com o plantio de braquiária. Entre as vantagens da planta está a resiliência ao estresse hídrico e a incorporação de matéria orgânica, que promove a melhoria das condições do solo. “O meu sonho era ter as vacas em um pasto que o capim alcançasse, pelo menos, a barriga do animal. E lembro que, no primeiro ano, com a braquiária, olhava para o gado lá no meio e só conseguia ver o cupim do reprodutor”, conta.

Quando foram abertas trincheiras para avaliação do solo, a raiz da forrageira foi observada até uma profundidade de 3 metros. “Nunca tínhamos visto raiz de planta nenhuma aprofundar uma área de mais do que 15 ou 20 centímetros”, completa.

A braquiária, segundo ele, foi a solução para formar a palhada sobre a terra e para quebrar a camada adensada do solo com sua raiz. O processo facilita a penetração da água e forma uma reserva que ajuda a proteger a cultura da soja em períodos de veranicos.

O investimento em sementes forrageiras e no plantio de eucalipto teve rápido retorno com os ganhos na pecuária. A fartura de alimento no pasto logo provocou efeitos visíveis no rebanho. “Antigamente, as vacas não tinham uma cria por ano e o ganho de peso era menor”, relata Viviana.

Nas últimas safras, além da melhoria na taxa de natalidade, foi possível um incremento entre 25 e 27 quilos na carcaça dos animais abatidos aos três anos.

A lotação média na propriedade é de 2,5 cabeças por hectare na área de consórcio do milho com braquiária, enquanto a média dos pecuaristas locais fica em 0,8 cabeça por hectare. A diversificação produtiva também representa maior segurança, avalia Fernando. “É uma forma de sempre termos uma fonte de renda para manter a propriedade. A maioria das fazendas da região fica seis meses sem entrada de dinheiro.”

Um animal em um ambiente sombreado, com maior conforto, vai pastar melhor e ter menos perda de energia, diz o engenheiro florestal Marcelo Müller, pesquisador da Embrapa Gado de Leite. Experiências comprovam ganhos em torno de 20% na produção leiteira.

“A recuperação da pastagem ainda proporciona um aumento de duas a três vezes na capacidade de suporte do campo, o que permite ao pecuarista manter um maior número de animais no mesmo espaço”, declara o especialista, que trabalha há mais de 15 anos com ILPF.

O processo ainda colabora para reduzir a necessidade de abertura de novas áreas para a agropecuária e, consequentemente, diminui a pressão ambiental. “Há casos de propriedades em que a produção passou de 100 a 200 litros por dia para 1.000 a 1.500 litros de leite diariamente. Uma vaca em um pasto ruim vai produzir de 5 a 10 litros ao dia, enquanto um animal bem alimentado gera entre 15 e 20 litros”, enumera.

Para a implantação correta de sistemas de integração, o produtor precisa ter dedicação pessoal e acesso à assistência técnica, afirma o pesquisador. “Apesar de todas as vantagens, existe uma certa complexidade. Temos casos de insucesso. Representam uma minoria e, muitas vezes, estão relacionados à falta de engajamento do pecuarista.”

Um dos principais pontos de atenção está relacionado ao cultivo do componente florestal, representado, na maior parte dos sistemas do país, pelo eucalipto. A árvore exige um planejamento essencial de espaçamento e distribuição bastante variável.



FOTOS: DENISE SAUERLECKSKY / FOTÓGRAFO

PRODUÇÃO E CIÊNCIA

Acima, o produtor Vitor Barbosa;
abaixo, sua filha, Viviana Barbosa, e o
também produtor Luciano Muniz



RESULTADO_ Experiências comprovam ganhos em torno de 20% na produção leiteira em ambientes sombreados

FOTO: MARCELO MULLER/FEJ GLOBO

“A recuperação da pastagem proporciona um aumento de duas a três vezes na capacidade de suporte do campo”

MARCELO MÜLLER,
pesquisador da Embrapa
Gado de Leite

Acesse nosso Canal no Telegram

Se houver sombra em excesso, a tendência é de uma concentração de animais nesse espaço, o que vai prejudicar a qualidade do pasto, devido ao pisoteio e ao acúmulo de dejetos, que facilitam a infestação por parasitas. “Nesse caso, o animal só terá o conforto térmico, mas estará em uma condição sanitária ruim e não terá pasto em quantidade adequada. É a diferença entre o remédio e o veneno, ou seja, a dose”, aponta Müller.

Apesar de inúmeras variáveis, um exemplo de sombreamento adequado é o cultivo de, no máximo, 200 plantas por hectare dispostas em linhas, o que facilita o manejo da área. O custo de implantação também varia muito de acordo com a região, mas um valor estimado fica entre R\$ 5 mil e R\$ 6 mil por hectare.

Já os custos de manutenção são baixos e envolvem, por exemplo, o controle de formigas até o terceiro ano e uma segunda adubação. Uma árvore de eucalipto com idade entre dois e três anos já é capaz de proporcionar sombreamento adequado.

Na Amazônia maranhense, região em que predominam a pecuária extensiva e os pastos degradados, a transição para manejos sustentáveis de ILPF também vem transformando realidades. Na Fazenda Muniz, em Pindaré-Mirim, o engenheiro agrônomo e produtor Luciano Muniz passou a investir no sistema em 2015.

Na propriedade de 200 hectares que pertence à sua família, mantém uma Unidade de Referência Tecnológica (URT) de 15 hectares onde realiza experimentos e recebe pesquisadores e seus alunos da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Na safra 2015/2016, foram iniciados o cultivo de eucalipto e a correção do solo para a adoção do plantio direto.

Quando foi realizado o plantio de milho consorciado com capim, a taxa de lotação na área estava em 0,7 UA (unidade animal) por hectare, enquanto a produção de carne era de 30 quilos por hectare ao ano. Depois de dois anos de lavoura e com a nova pastagem implantada, a taxa de lotação foi elevada para 5 UA por hectare, e a produção de carne chegou a 405 quilos por hectare ao ano, ou seja, 13,5 vezes acima do volume obtido anteriormente. O rendimento equivale ao primeiro ano de pastejo do gado.

Na safra 2015/2016, quando iniciou a implantação do sistema, Muniz teve um custo operacional efetivo de R\$ 5.350,18 por hectare e receita de R\$ 5.985. Já no ciclo seguinte, o custo foi de R\$ 3.870 por hectare, e a receita somou R\$ 5.880. Nas safras seguintes, o pecuarista não teve custos com a pastagem. No entanto, a receita caiu para R\$ 1.740 por hectare na temporada 2020/2021, devido à condição do pasto. Agora, o ciclo da ILPF será reiniciado, já que o pasto está completando cinco anos e é preciso evitar que entre em estágio de degradação.

No Maranhão, são mais de 5 milhões de hectares com pastagens, sendo que em torno de 95% estão em algum estágio de degradação. “Apenas pouco mais de 2% dessa área conta com integração, o que significa que temos um potencial muito grande”, sustenta o pesquisador Joaquim Costa, da Embrapa Cocais.

A estimativa é que os sistemas integrados estejam presentes em 17,4 milhões de hectares nos diferentes biomas do país. O propósito da Rede ILPF é expandir a tecnologia para 35 milhões de hectares até 2030. ■

* JORNALISTA VIAJOU A CONVITE DA REDE ILPF

De vento em popa

Acesse nosso canal no Telegram: t.me/BRASILETRASH

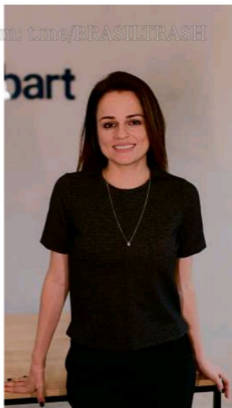
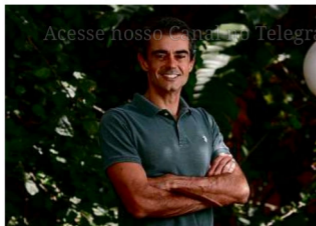
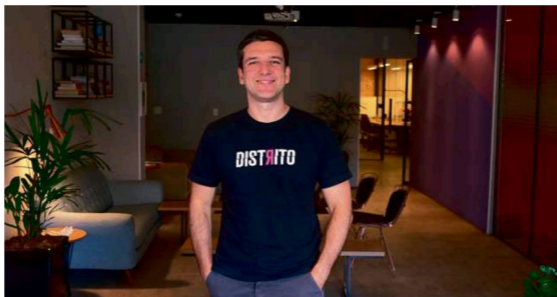
STARTUPS DO AGRO CAPTARAM US\$ 200 MILHÕES EM 2022 E
PERSPECTIVAS INDICAM CENÁRIO PROMISSOR PARA 2023

por **CAROLINA MAINARDES**

FUTURO

As agtches têm
muito a crescer para
garantir cada vez mais
produtividade no campo

Accesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH



ESPECIALISTAS

No topo, Gustavo Araujo, do Distrito; acima, de braços cruzados, Francisco Jardim, da SP Ventures; ao lado, Cleidson Nogueira, da Embrapa, e Mariana Bonora, da Bart Digital



O VOLUME DE INVESTIMENTOS EM AGTECHS - empresas de base tecnológica em agronegócio - no Brasil chegou a US\$ 220 milhões em 2022. O valor representa 100% a mais do que o aporte total registrado em 2021, quando foram repassados US\$ 109 milhões para o mercado de alto risco. "2022 foi o ano do investimento recorde no setor, assim como o agro, que vem em constante crescimento no país", avalia Gustavo Araujo, cofundador e CRO do Distrito, um ecossistema independente de startups do país.

Os dados informados por Araujo à revista **GLOBO RURAL** mostram que o mercado de venture capital atraiu os investidores, apesar das dúvidas quanto ao cenário econômico, à alta de juros e aos bons rendimentos das opções de renda fixa. "Nunca houve tanto investimento em agtechs, diferentemente do que foi registrado em startups de outros segmentos", comenta.

O crescimento do setor, na opinião do executivo, tem relação com o fortalecimento do agronegócio brasileiro. "Esse movimento demonstra que o Brasil tem um fundamento forte para o agro", ressalta. Mas Araujo observa que essas startups são jovens e o setor ainda tem muito a crescer, tendo em vista o papel fundamental da tecnologia para garantir cada vez mais produtividade no campo. "O setor está percebendo isso e tem investido cada vez mais", diz. Para ele, um bom indicativo de evolução para os próximos anos é o surgimento de players maiores, principalmente aqueles que resultam da fusão do agronegócio com o setor financeiro - as fintechs do agro.

Dados apresentados no Radar Agtech 2022, levantamento promovido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), SP Ventures e Homo Ludens, mostram que os maiores volumes de investimentos em 2022 foram para as agfoodtechs - startups que atuam com alimentos inovadores e novas tendências de alimentação. A categoria teve um aumento de 85% nos investimentos em comparação com 2020.

O setor das agfoodtechs ganhou mais expressão depois da pandemia de Covid-19, quando ocorreram mudanças significativas no estilo de vida e nos hábitos dos consumidores, com destaque para a alimentação. "Há um grande número de startups apostando

"Nunca houve tanto investimento em agtechs, diferentemente do que foi registrado em startups de outros segmentos"

GUSTAVO ARAUJO,
cofundador e CRO do Distrito

em alimentos inovadores e em novas tendências alimentares, bem como em soluções para o agronegócio e o setor alimentício", comenta Cleidson Nogueira Dias, analista da Embrapa e integrante da equipe técnica de elaboração do Radar Agtech.

Além de concentrar o maior volume de investimentos, as agfoodtechs representam 44% do total de startups catalogadas pelo relatório, divididas em três categorias: antes, dentro e depois da fazenda. Para Dias, tecnologias 4.0, que contribuem para um escopo de fazenda inteligente, estão entre as áreas que devem crescer a partir de 2023, abrangendo inteligência artificial

(IA), tecnologia da informação e internet das coisas, realidade aumentada e imagens em 3D, assim como tendências globais como biológicos, tecnologia genética e nanotecnologias. “São áreas que ajudam a maximizar o retorno econômico e a garantir a preservação de recursos”, considera o analista.

Francisco Jardim, sócio-diretor da SP Ventures, por meio da qual liderou investimentos da ordem de R\$ 300 milhões em 2022, dos quais 70% foram para agtechs brasileiras, também visualiza um caminho nessa linha. “Vejo cada vez mais a convergência entre duas grandes tendências, as agtechs e as climatechs, visando ao aumento da produtividade, com soluções resilientes às mudanças climáticas e unindo mais tecnologia, mais alimento, mais investimentos e mais atividade empreendedora nesse sentido”, detalha.

Assim como Araujo, Jardim também destaca as agfintechs como um setor promissor, tendo em vista a evolução tecnológica dos serviços financeiros, facilitando o acesso a financiamento e a crédito rural para os produtores. “Estamos otimistas com essa evolução tão acelerada das agtechs”, acrescenta.

Foi justamente na esteira de facilitar o dia a dia do produtor rural que a advogada Mariana Bonora criou a Bart Digital, em 2016. Pioneira na digitalização de títulos e garantias agrícolas, a agfintech hoje oferece um leque de soluções digitais para agilizar o financiamento agrícola. Mariana, CEO da startup, está entre as 30 mulheres mais inspiradoras no Radar Agtech 2022. “Já estávamos bem posicionados no mercado e, com um time bem experiente, aproveitamos para ampliar as operações”, conta. Segundo ela, os serviços da Bart contribuem para uma economia de 70% no tempo tradicional para a formalização no sistema de financiamento.

Em dezembro de 2022, a empresa atingiu a participação em operações de financiamentos agrícolas que chegaram a R\$ 18 bilhões (no biênio 2020-2022). Segundo a CEO, o volume mostra a vitalidade do agronegócio brasileiro e também a capacidade da Bart em oferecer soluções para um setor em crescente busca por inovação.

Em um primeiro momento, ela comenta que era predominante a presença de agtechs que ofertavam soluções para a etapa dentro da fazenda, como agricultura

“Vejo cada vez mais a convergência entre duas grandes tendências, as agtechs e as climatechs”

FRANCISCO JARDIM,
sócio-diretor da SP Ventures

Instagram: t.me/BRASILTRASH

ra de precisão, monitoramento por satélite e gestão de propriedade. O aumento da presença de mulheres no índice de empresas que receberam investimentos do mercado de venture capital é um dos destaques do relatório Radar Agtech 2022.

Do total de startups catalogadas no Brasil, 28,7%, ou seja, 520 agtechs, possuem ao menos uma mulher em sua estrutura societária. Com um time majoritariamente feminino no Bart Digital, Mariana conta que participa de reuniões em que é a única mulher presente, mas observa uma mudança gradativa no mercado: “Ainda há poucas mulheres à frente de agtechs, mas, no geral, as mulheres têm tomado a frente de fazendas e empresas do agronegócio”.

Biodiversidade nas lavouras

A AGRICULTURA SERÁ CADA VEZ MAIS PRESSIONADA A PROMOVER A DIVERSIDADE BIOLÓGICA, AUMENTAR A CAPTURA DE CARBONO E REDUZIR O USO DE ÁGUA

À medida que a sociedade ganha consciência de que o nosso planeta tem recursos finitos, que precisam ser usados com inteligência e parcimônia, cresce a certeza de que apenas a reconciliação entre os sistemas humanos e a natureza nos levará a um futuro sustentável. Como as terras agrícolas compõem o maior ecossistema inteiramente manejado por humanos, a agricultura é peça-chave na busca de maior harmonia entre a sociedade e a natureza.

Escolhas do que e onde cultivar dependem de fatores complexos – de natureza ambiental, cultural, tecnológica e comercial –, além de aspectos como origem dos cultivos, clima, solo e acesso a tecnologias. Por ter de lidar com tantos fatores, a agricultura está entre os setores que mais enfrentam desafios para se ajustar à complexa equação da sustentabilidade.

Equação que tem na proteção da biodiversidade e dos serviços ambientais fatores críticos e inegociáveis. Realidade confirmada pela decisão dos países da União Europeia e do Parlamento Europeu, que estão prestes a implementar legislação para impedir a entrada em seus mercados de commodities ligadas ao desmatamento. Um movimento que já inspira outros países a seguir o mesmo caminho.

A boa notícia é que diversos estudos já demonstram que o aumento da complexidade das paisagens agrícolas, pela ampliação da diversidade

e heterogeneidade de lavouras e criações, pode afetar significativa e positivamente a biodiversidade. Publicação recente da Academia Americana de Ciências (PNAS, 119:38, 2022) apresenta uma abrangente análise de 157 estudos que ilustram numerosas combinações virtuosas entre agricultura e biodiversidade.



Diversos desses estudos demonstram que, em comparação com paisagens simplificadas – com monoculturas vastas e muitas vezes hostis à biodiversidade –, paisagens agrícolas mais heterogêneas abrigam significativamente mais espécies benéficas para a produção, a qualidade do solo e da água, o funcionamento e a resiliência dos ecossistemas e o bem-

estar humano. Além de funcionarem como conexões entre o que resta dos ambientes preservados e as reservas críticas de biodiversidade.

O fato é que a agricultura será cada vez mais pressionada a buscar configurações que protejam e promovam a diversidade biológica, aumentem a captura de carbono e reduzam o uso de água, sem sacrifício da produção. Há, portanto, razões suficientes para que os agricultores busquem se proteger, ganhando capacidade para lidar com configurações mais diversificadas, complexas e sustentáveis de produção, o que os permitirá se ajustar de forma tempestiva.

A Embrapa e parceiros vêm há décadas aperfeiçoando e disseminando sistemas produtivos mais complexos, combinando plantações, criações e florestas, manejados de forma permanente no mesmo espaço. Sistemas que se mostram não só economicamente viáveis, mas também capazes de viabilizar uma produção carbono neutro, aumentando a resiliência climática e promovendo a utilização mais inteligente de insumos e serviços ambientais, viabilizando uma agricultura mais limpa, de base renovável, em sintonia com a natureza e as expectativas da sociedade. ■

Maurício Antônio Lopes é engenheiro agrônomo e pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

Bons exemplos em campo

7ª EDIÇÃO DA PREMIAÇÃO REVELARÁ PROPRIEDADES RURAIS DE DIFERENTES PORTES QUE SEGUEM À RISCA O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE

por **VIVIANE TAGUCHI**

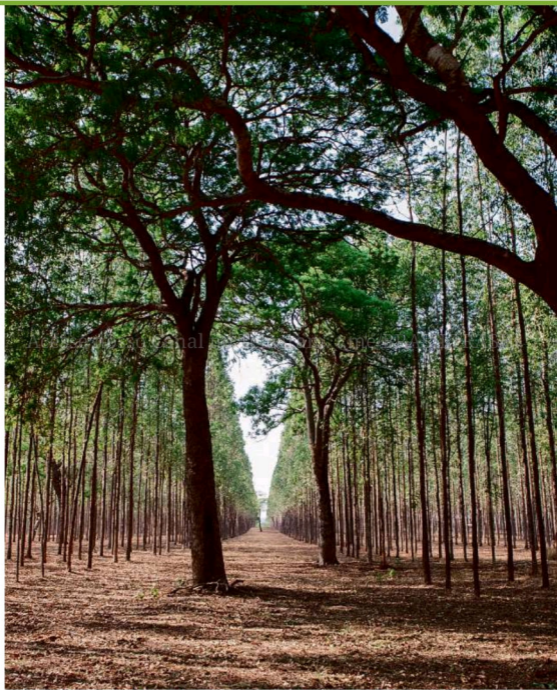
Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

O 7º Prêmio Fazenda Sustentável está em sua reta final. Nesta edição, 44 propriedades rurais foram analisadas em suas atividades ambientais, sociais e econômicas e 15 chegaram até a última fase do prêmio, que revelará, nos próximos meses, pelo menos três fazendas que desenvolvem um trabalho exemplar de sustentabilidade. Em parceria com o Rabobank, a Fundação Espaço ECO (FEE) e patrocínio da Cargill, a revista GLOBO RURAL irá anunciar as vencedoras em um evento realizado em São Paulo.

As inscrições para o 7º Prêmio Fazenda Sustentável tiveram início em agosto do ano passado. Mais de 50 fazendas fizeram inscrições preliminares e 44 delas estavam aptas a participar da premiação. "Na primeira fase do prêmio, são solicitadas informações essenciais

que atestam a sustentabilidade de uma propriedade, como a inscrição no CAR (*Cadastro Ambiental Rural*), situação trabalhista dos funcionários e uso de técnicas de manejo que visam ao menor impacto possível ao meio ambiente", explica Bianca Larrussa, analista do Rabobank. "Se uma fazenda está, por exemplo, na lista suja do Ministério Público, já é um item para ela não participar."

Na segunda etapa do prêmio, os classificados passaram por uma seleção mais detalhada. Rebeca Venâncio, especialista em sustentabilidade da Fundação Espaço ECO (FEE), explicou que, nesta fase, as informações necessárias exigidas pela metodologia do prêmio incluíram informações ambientais e sociais, tais como volumes exatos de uso de insumos para cada cultivo da fazenda, volumes de rações oferecidas ao



MODELO_ A integração lavoura, pecuária e floresta é uma das práticas que mais crescem no campo

www.fazendasustentavel.com.br

CONHEÇA AS CAMPEãs DOS ÚLTIMOS ANOS

2014

1º LUGAR

Fazenda Terra Boa (Guararapes/SP) –
 Integração lavoura-pecuária

2º LUGAR

Fazenda Três Capões (Guarapuava/PR) –
 Agricultura (soja/milho/eucalipto)

3º LUGAR

Fazenda Pântano (Cerrado Mineiro/MG) –
 Cafeicultura

2015

1º LUGAR

Fazenda D'aterra (Patrocínio/MG) –
 Integração lavoura-pecuária

2º LUGAR

Fazenda Água Limpa (Manhuaçu/MG) –
 Cafeicultura

3º LUGAR

Fazenda São José do Pirajá (Bom Jesus/PI) –
 Agricultura (soja/milho/sorgo)

2016

1º LUGAR

Fazenda Modelo II (Ribas do Rio Pardo/MS) –
 ILPF

2º LUGAR

Fazenda Porteira Velha (Pinhão/PR) –
 Integração lavoura, pecuária e fruticultura

3º LUGAR

Fazenda Primavera (Angellândia/MG) –
 Integração café com mogno-africano

2017

1º LUGAR

Fazenda Rio do Pedro (Santa Maria Do Oeste/PR) –
 Integração Lavoura-Pecuária

2º LUGAR

Fazenda Don Aro (Machadinho D'Oeste/RO) –
 ILPF

3º LUGAR

Sítio Yassuda (Lins/SP) –
 Horticultura

2018

1º LUGAR

Sítio do Moinho (Itaipava/RJ) –
 Orgânicos

2º LUGAR

Fazenda Obrigado (Conde/BA) –
 Fruticultura

3º LUGAR

Fazenda Palmito (Boa Esperança/MG) –
 Pecuária de leite



2019

1º LUGAR

Fazenda Pinhal (Santo Antônio do Amparo/MG) –
 Integração lavoura-pecuária

2º LUGAR

Fazenda O'Coffee (Pedregulho/SP) –
 Cafeicultura

3º LUGAR

Fazenda JR (Tallândia/PR) –
 Palma

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/globorural



gado ou manejo de viveiros, entre outros. “Mas esse questionário também inclui informações essenciais sobre a área social, como perfil dos colaboradores, inclusão social, situação trabalhista de cada funcionário”, afirma.

Após essa rigorosa “peneira” nas áreas ambiental e social, as propriedades classificadas passaram por uma análise de crédito, isto é, um filtro que analisa a situação financeira de cada fazenda. “Nós trabalhamos com o tripé da sustentabilidade, que, além da situação ambiental e social, também abrange a saúde financeira dos empreendimentos”, completa Larrussa.

A terceira, e última, etapa do Prêmio Fazenda Sustentável são as visitas técnicas, realizadas nas fazendas classificadas, em várias regiões do país. “Essa visita técnica é fundamental para que possamos saber, de fato, se as informações fornecidas nos formulários online são verídicas”, explica o editor-chefe da GLOBO RURAL, Cassiano Ribeiro. “A parceria da GLOBO RURAL com o Rabobank proporciona que os analistas, especialistas em sustentabilidade da instituição e que atuam em todo o território nacional, possam ir até as propriedades e comprovar que são realmente fazendas sustentáveis”.

Os relatórios gerados a partir das visitas serão analisados por uma comissão julgadora, formada por profissionais especialistas em agronegócio sustentável e que não têm qualquer ligação com os organizadores. É essa comissão julgadora que irá apontar quais fazendas serão as finalistas do 7º Prêmio Fazenda Sustentável. “De um modo geral, as fazendas classificadas na última fase do prêmio são exemplares. Algumas possuem excelentes projetos socioambientais, que merecem ser perpetuados pelo país como referência”, reforça Cassiano Ribeiro, da GLOBO RURAL.

Nesta edição do prêmio, há fazendas finalistas que se dedicam à cafeicultura, horticultura, cacaicultura, bovinocultura e à atividade canavieira. Das 15 finalistas, cinco foram classificadas como de grande porte, cinco de médio porte e cinco são pequenas propriedades. A lista de todas as propriedades finalistas será divulgada nos próximos meses.

Inspiração mineira

PRODUTORA CRIA COOPERATIVA E INCENTIVA
OUTRAS MULHERES CAFEICULTORAS

por DENISE SAUERESSIG

Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

Na região montanhosa das Matas de Minas, no sudeste mineiro, a cafeicultora Julenia Lopes, de 61 anos, mudou radicalmente a própria vida e ajudou a transformar a realidade de outras mulheres.

Formada em Letras, a professora de inglês morou por muitos anos na Europa, onde conheceu o marido, o alemão Helmuth Martens. Em 2006, quando o casal visitou o Brasil, esteve em Carangola (MG), onde toda a família de Julenia trabalhava com a produção de café.

“Na época, pensávamos em ter uma pousada na praia, mas meu marido ficou encantado com o verde dos cafezais e me disse que o paraíso era aqui”, conta. O casal acabou comprando um sítio na comunidade de Conceição e, em maio de 2008, deu início à vida na região. Era época de colheita, e um mutirão de família-

res e vizinhos de Julenia trabalhava nos cafezais. Ela observou que era arrancada uma grande quantidade de grãos verdes das árvores. “É uma forma de melhor aproveitamento da mão de obra, mas decidimos que faríamos a colheita seletiva, apenas dos grãos vermelhos, para conseguirmos uma qualidade superior e melhores preços no mercado”, relata.

A integração com a realidade local aproximou Julenia do Centro Comunitário Rural de Conceição, uma associação da qual seu avô foi o primeiro presidente. Convidada para integrar a diretoria da organização, a professora logo começou a mobilizar outros produtores para buscar formas de melhorar a rentabilidade da atividade cafeeira. Ela percebeu o tímido envolvimento das mulheres nos negócios das famílias.



CAFEICULTORA_ Julenia Lopes no sítio da família, localizado em Carangola (MG)

Nos cursos promovidos em parceria com instituições como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), chamou sua atenção o reduzido número de participantes femininas.

Em um evento, conheceu o trabalho da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA, na sigla em inglês), organização fundada em 2003 por representantes dos Estados Unidos e da Nicarágua. Em 2012, ajudou a criar a IWCA Brasil e, até hoje, atua como mobilizadora regional da aliança.

Os anos seguintes foram de conquistas expressivas. Ela procurou escolas da região para que pudessem servir aos alunos os alimentos da agricultura familiar na merenda escolar. "As hortas são cuidadas por mulheres, e a minha intenção era que elas tivessem renda para esperar pela maturação do café", explica.

A professora e agora cafeicultora também conseguiu, via projeto encaminhado ao governo do estado, um equipamento para a torrefação automática dos grãos. A ideia era viabilizar o lançamento de uma marca comunitária de café. O nome - Fruto Fino - foi escolhido em conjunto com alunos de uma escola da região, que enviaram sugestões. O Sebrae auxiliou na criação da logomarca, e o café da comunidade de Conceição foi servido na Copa do Mundo do Brasil, em 2014, e nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Um dos grandes diferenciais é a produção certificada sem o uso de defensivos químicos (sistema de cultivo SAT).

Tanta prosperidade motivou outras famílias e grupos de produtores a criar suas próprias marcas de café na região. Julenia entendeu que era preciso ainda mais organização. Com o apoio da Emater, fundou, em 2016, a Coolabore, da qual é presidente até hoje.

Um dos objetivos com a criação da cooperativa era viabilizar a venda de café para além dos limites do município. "A partir daí, não paramos mais. Um dos grandes momentos foi quando a Marinha do Brasil fez uma chamada pública para a compra de 53 toneladas de café e nós ganhamos", revela.

"Não olhamos apenas para a produção dentro das propriedades, mas para o sistema como um todo"

CHRISTIANE LELES DE VITA,
pesquisadora do Pensa

Instagram: t.me/BRASILTRASH

A Coolabore conta com 91 sócios cooperados, sendo que 49 são mulheres. Apenas representantes femininas compõem a diretoria. Em paralelo ao trabalho com a comunidade e para a qual ela tem muitos outros planos, Julenia cuida dos seus cafezais. São 10 mil pés no sítio que adquiriu com o marido, onde também produzem culturas como banana, feijão e milho.

Ainda que seja uma atividade desenvolvida predominantemente pela agricultura familiar, a cafeicultura brasileira revela desigualdade de gênero no gerenciamento dos negócios. O mesmo acontece com a agropecuária de forma geral.

Segundo o último Censo Agropecuário do IBGE (2017), os homens lideram 81% dos imóveis rurais. No caso do café, o percentual de propriedades geridas por mulheres é de 13,2%, ou 40,3 mil dos mais de 304,5 mil estabelecimentos que trabalham com a cultura. Quando se acrescentam os dados de mulheres que participam da atividade na codireção juntamente com seus cônjuges, tem-se mais 48,1 mil mulheres.



FRUTO FINO

A marca comunitária de café foi escolhida em conjunto com alunos de uma escola da região

No mundo todo, a estimativa é de que um quarto das mais de 12 milhões de fazendas que cultivam o grão estejam sob a responsabilidade de mulheres, segundo a Organização Internacional do Café (OIC).

Os dados levam à necessária reflexão sobre as estratégias que existem para a mudança aqui no Brasil - maior produtor e exportador de café do mundo. A pesquisa "Desequilíbrio de gênero do agronegócio café", desenvolvida por pesquisadores do Pensa, centro de estudos do agronegócio ligado à Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, constatou que as cafeicultoras têm menos acesso à internet e a fontes de financiamento.

As mulheres também participam menos de atividades de capacitação. "Tudo isso leva à redução de produtividade, a menores salários e a um impacto econômico negativo, ou seja, perde toda a sociedade", sustenta a professora da FIA Business School Christiane Leles Rezende de Vita, pesquisadora do Pensa.

O estudo, que é parte das atividades da Universidade do Café Brasil, um projeto que o Pensa e a FIA de-

envolvem para a Illycaffè há mais de 20 anos, indicou iniciativas que podem transformar realidades nas diferentes etapas da cadeia. "Não olhamos apenas para a produção dentro das propriedades, mas para o sistema como um todo e para a importância de ações conjuntas", detalha Christiane.

A pesquisa ouviu 31 representantes do setor em painéis realizados em 2021, em três regiões produtoras de Minas Gerais. Nas fazendas, ficou clara a importância da orientação das novas gerações sobre a igualdade no processo sucessório. Também a equalização salarial no caso de mesmas funções executadas por homens e mulheres, a formalização da titularidade na propriedade da terra e a equivalência de benefícios previdenciários.

"Uma das nossas conclusões é que as cooperativas e outras formas de organização coletiva são valiosas ferramentas e podem ampliar a inclusão de mulheres na assistência técnica e gerencial. Assim como os fornecedores de insumos podem elaborar estratégias para que as produtoras recebam mais atividades de capacitação", enumera a pesquisadora. ■

2023: ano de recuperação dos hortifrútiis

EXPANSÃO DA ÁREA CULTIVADA COM MAMÃO E MELANCIA NESTE ANO PUXARÁ RETOMADA DO GRUPO DE FRUTAS E HORTALIÇAS. SETOR REGISTROU PERDAS DE INVESTIMENTOS NOS ÚLTIMOS ANOS

por **VENILSON FERREIRA**



Cebola

O Hortifrúti/Cepea prevê leve recuperação da área em 2023, devido à capitalização dos produtores, o que pode derrubar os preços. A rentabilidade dependerá das condições climáticas.



Batata

O Cepea prevê aumento de 3,1% na área em 2023, impulsionado pelo crescimento da demanda da indústria de pré-fritas. As áreas destinadas ao mercado de mesa também devem ter leve aumento.



Tomate

Os baixos preços de 2022 devem resultar em nova diminuição da área do fruto de mesa. Já a área do produto destinada à indústria deve crescer, devido à demanda crescente e aos baixos estoques.



Mamão

A área pode crescer neste ano, graças à boa rentabilidade de 2022 e à maior oferta de sementes, diz o Cepea. A qualidade deve melhorar, já que os tratos culturais foram intensificados.



Manga

A expansão de área dos últimos anos deve ser interrompida no Nordeste, por causa da menor rentabilidade dos mercados doméstico e exportador em 2022, conforme analistas do Hortifrúti/Cepea.



Maçã

A oferta deve seguir limitada em 2023, devido às adversidades climáticas. Além do inverno menos rigoroso, os pomares sofreram com chuvas, geadas e até neve fora de época.



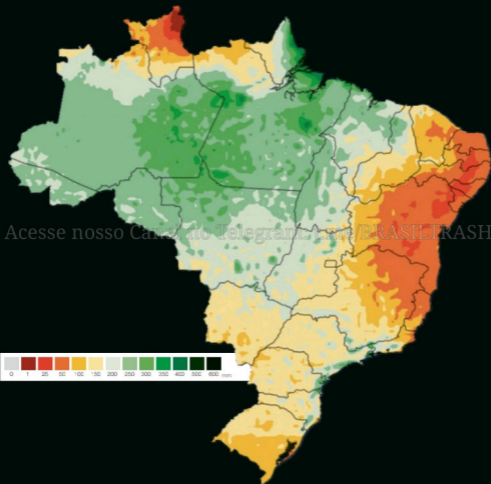
Melão

A área cultivada deve se manter reduzida, para contornar possíveis problemas de mercado, pois ainda há receio quanto ao poder de compra do brasileiro e do europeu, segundo analistas do Cepea.



Banana

O Cepea prevê manutenção da área, por causa do receio de alta dos custos e condições climáticas adversas. O rendimento e a qualidade devem melhorar, com a retomada dos tratos culturais adequados.



Acesse nosso Canal no Telegram: @BRASILTRASH

CHUVAS EM FEVEREIRO

NO MAPA E NA PALETA, AS CORES INDICAM OS VOLUMES QUE DEVEM SER ACUMULADOS (EM MM) AO LONGO DO MÊS

La Niña fraco e Atlântico quente causam chuvas

Com o enfraquecimento do La Niña e o Oceano Atlântico próximo à costa sul da América do Sul mais aquecido do que o normal, os sistemas meteorológicos vão continuar atuantes sobre o centro-sul do Brasil, atraindo umidade e favorecendo chuvas mais expressivas nessa área.

Sul As chuvas devem se tornar mais generalizadas e frequentes durante fevereiro, inclusive beneficiando as áreas mais secas do Rio Grande do Sul. Ainda assim, nem todas as regiões devem receber volumes expressivos de água e entre o sul e o oeste gaúchos as chuvas devem ser insuficientes para cessar a estiagem. Os maiores volumes devem continuar atingindo Santa Catarina e Paraná, onde o excesso de umidade pode impactar a colheita dos cultivos de verão.

Sudeste As instabilidades, que estarão mais atuantes sobre o centro-sul do país, devem provocar volumes de chuva acima da média entre São Paulo, sul e Triângulo Mineiro e Rio de Janeiro. Em alguns momentos, o excesso de chuva pode impactar as atividades de colheita. Enquanto isso, o Cerrado, a metade norte de Minas Gerais e Espírito Santo devem ter precipitações entre a média ou ligeiramente abaixo da média para o mês.

Centro-Oeste As chuvas devem ser mais volumosas do que o normal em Mato Grosso do Sul, sul de Goiás, sul e oeste de Mato Grosso, onde não se descarta a ocorrência de invernada em meados do mês, que pode paralisar momentaneamente as atividades no campo. Já em grande parte do interior de Goiás e no leste de Mato Grosso, são esperadas chuvas irregulares e abaixo da média.

Norte A Zona de Convergência Intertropical estará bastante atuante e deve provocar chuvas expressivas entre Maranhão e Piauí. No norte dos dois estados, há risco para transtornos devido ao excesso de chuvas. As precipitações devem ser mais volumosas do que o normal sobre grande parte da região, exceto sobre a metade sul da Bahia.

Nordeste Fevereiro será bastante chuvoso, acima do normal, o que pode impactar as atividades no campo, como a colheita dos cultivos de verão, e provocar problemas em estradas para o escoamento de grãos. Os maiores volumes de precipitação estão previstos sobre o centro e o norte do Pará, no leste do Amazonas e no Amapá.

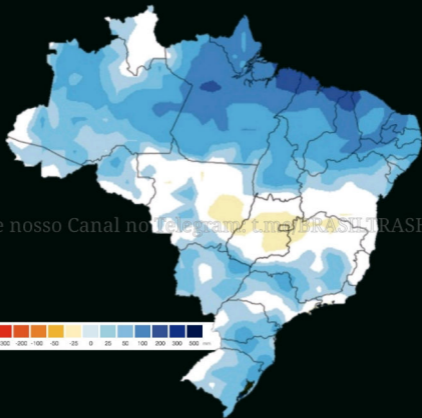
Mundo

ARGENTINA O plantio dos cultivos de verão foi bastante impactado com a estiagem prolongada ocasionada pelo La Niña. Com o término da janela de plantio para a soja sobre a região agrícola central, cerca de 500 mil hectares ficaram de fora do ciclo atual e por isso a boisa de cereais argentina reajustou a estimativa de plantio para 16,2 milhões de hectares. Da área de milho, 200 mil hectares que eram destinados ao plantio tardio não puderam ser semeados por causa da falta de umidade. Para curto e médio prazos, não há previsão para regularização das chuvas. Entre janeiro e fevereiro estão previstos episódios de chuva, que podem trazer alívio, sem reverter a situação da soja e do milho, que devem ter a produtividade impactada pelos efeitos da estiagem.

ESTADOS UNIDOS Depois das fortes tempestades e da onda intensa de frio, que provocou temperaturas de 0 °C até mesmo em áreas de citros e cana-de-açúcar do sul, o começo de 2023 está sendo marcado por frequentes tempestades sobre o oeste do país. Os altos volumes de precipitação, acompanhados por ventos fortes, têm provocado transtornos como inundações e interrupções de energia, por outro lado, porém, têm aliviado a seca prolongada que vinha atingindo a região da Califórnia.

ANOMALIA DE CHUVAS EM FEVEREIRO

NO MAPA, AS ÁREAS EM AZUL INDICAM PRECIPITAÇÕES ACIMA DA MÉDIA, ENQUANTO AS QUE ESTÃO EM LARANJA APONTAM CLIMA MAIS SECO QUE O NORMAL



La Niña se despede, após três verões seguidos

Durante o último mês, as anomalias negativas da temperatura da superfície do mar sobre o Oceano Pacífico equatorial, que caracterizam a atuação do La Niña, diminuíram e o fenômeno está em fase de enfraquecimento. A previsão de consenso entre os institutos norte-americanos IRI (Instituto de Pesquisas Internacionais da Universidade de Columbia) e CPC-NOAA (Centro de Previsões e Clima da Administração

Oceânica e Atmosférica Nacional) indica 82% de chances para uma condição de neutralidade climática entre março e maio. Depois disso, a maioria dos modelos internacionais indica ligeiro aquecimento das águas superficiais do Oceano Pacífico equatorial durante o outono e até mesmo um aumento da probabilidade para ocorrência de El Niño entre o final do outono e o inverno de 2023.

Delicada e perigosa



Uma das flores preferidas na escolha para o buquê de noivas e muito procurada para integrar arranjos de casamentos e outros tipos de festas é o copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica*). Mas, apesar de ser cultivada principalmente para o segmento de corte no mercado da floricultura, o produtor ainda pode obter lucro com o comércio da espécie destinado ao plantio em jardins. Em bordaduras, maciços, vasos ou floreiras, a beleza da planta também é cobiçada para compor projetos paisagísticos de residências e estabelecimentos comerciais e públicos, como praças e parques.

Versátil nos vários estilos de decoração floral, o copo-de-leite tem na versão branca a cor mais tradicional

e mais apreciada pelos consumidores. Entretanto, atualmente existem as callas, ou copos-de-leite coloridos, uma outra espécie do gênero *Zantedeschia* com variações de tons, que contribui para diversificar a oferta, agradar a diferentes gostos e expandir o alcance das vendas.

O copo-de-leite é uma flor rústica e de fácil condução, porém é importante que o agricultor se dedique à produção para obter plantas de qualidade e de florescimento abundante, o que ocorre, sobretudo, nos meses mais frios do ano, entre maio e setembro. A propósito, as regiões de clima temperado são consideradas ideais para o seu crescimento. No entanto, se contar com tratamentos culturais adequados, inclusive com

acompanhamento técnico, pode se adaptar a locais de temperatura mais elevada, ampliando o raio de plantio para todo o país.

Pertencente à família das aráceas, a mesma do lírio-da-paz, antúrio, filodendro, comigo-ninguém-pode e costela-de-adão, o copo-de-leite possui folhas verdes, de aspecto brilhante, com hábito de crescimento em formação de touceira. A inflorescência é formada pela espata de cor branca que protege a espádice amarela, a qual tem flores masculinas na parte superior e femininas na inferior.

Originário da África do Sul, o copo-de-leite é uma cultura perene que na natureza ocorre em terrenos úmidos ou em margens de lagos. Em geral

realizada por insetos, a polinização da flor resulta na produção de frutos apreciados por diversos pássaros, responsáveis pela dispersão das sementes da flor em campos, matas, bosques e florestas.

Já em relação aos animais de criação, é preciso ter cuidado com a aproximação do copo-de-leite. Isso porque a planta possui toxicidade que provoca inflamação da garganta e boca, irritação das mucosas, edema de lábio,

língua e palato, além de náuseas e vômitos. Nos olhos, os efeitos são a fotofobia e o lacrimejamento. Nos tratos culturais e na colheita, a recomendação é que o produtor use luvas para não ter contato com a seiva da flor. ■

MÃOS À OBRA

INÍCIO. O produtor pode preparar as próprias mudas, mas, para começar a atividade, deve adquirir-las de viveiristas experientes, idôneos e que forneçam material de qualidade. É importante que as matrizes de copo-de-leite sejam livres de contaminações que possam comprometer a cultura, como de fungos, bactérias e vírus. Uma alternativa para assegurar a produção é o uso de mudas micropropagadas em laboratórios especializados.

AMBIENTE. Flor de clima temperado, o copo-de-leite apresenta melhor desenvolvimento quando cultivado em regiões onde predominam temperaturas entre 16 °C e 22 °C. Contudo, tem capacidade para suportar frio mais intenso, chegando a tolerar até 4 °C, e calor, na parte mais alta da faixa dos 20 °C.

PROPAGAÇÃO. Pode ser realizada por diferentes métodos, como divisão

de touceiras e/ou de rizomas ou por cultura de tecidos. Por semente também é uma opção, porém não recomendada, devido à possibilidade de a formação das mudas ser desuniforme, por causa da polinização cruzada da flor.

PLANTIO. Em campo aberto ou em estufa, desde que o solo tenha umidade elevada, mas não encharcado. Escolha áreas bem drenadas e regue constantemente, combinação que permite uma produção eficiente e duradoura. O pH de cerca de 6 do terreno é o indicado, no entanto, é fundamental que se realize a análise do solo, para saber se necessita de alguma correção.

ESPAÇAMENTO. No cultivo adensado, recomenda-se o plantio de duas fileiras por canteiro com distância de 0,3 metro entre si e de 0,15 metro entre plantas, obtendo um total de dez plantas por metro quadrado. No cultivo convencional, indica-se de

0,8 metro entre fileiras e 0,5 metro entre plantas.

ADUBAÇÃO. Incorpore ao solo no plantio um fertilizante básico formulado com NPK 10-10-10, na proporção de 250 quilos por 1.000 metros quadrados. A cultura, que tem boa resposta à adubação orgânica, deve contar ainda com 20 litros de esterco de curral curtido por metro quadrado.

IRRIGAÇÃO. Necessita de regas para manter o solo umedecido, pois estimula o desenvolvimento do copo-de-leite. De outro lado, é preciso ter cuidado para não encharcar o terreno, o que possibilita o ataque de doenças. Para irrigar apenas o solo, o sistema por gotejamento é o mais apropriado

SOMBREAMENTO. A técnica, com uso de telas, favorece o desenvolvimento da planta e a produção de hastes florais com maior comprimento. O cultivo a pleno sol pode

SOLO. úmido, mas não encharcado

CLIMA. temperado, com predomínio de temperatura entre 16 °C e 22 °C

ÁREA MÍNIMA. pode ser plantado em vaso

COLHEITA. está no ponto quando ocorre a abertura da espata, mas, cerca de 6 meses após o plantio, são produzidas hastes com padrão para comercialização

CUSTO. o preço médio de uma muda pode variar de R\$ 15 a R\$ 40

provocar o amarelimento e queima das folhas no verão, resultando em redução da produção.

PRODUÇÃO. O ponto de colheita é determinado pela abertura da espata, que deve estar com a ponta ainda virada para cima. Entretanto, não colha as flores com presença de pólen, pois, após a polinização, a longevidade é menor. Em vez de cortar, puxe cada haste floral delicadamente, a fim de não danificar a planta. Logo após, coloque-as em recipiente com água.

CONSULTORIA. SIMONE NOVAES REIS E LÍVIA MENEZES DE CARVALHO SILVA SÃO PESQUISADORAS DA EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS (EPAMG). AV. JOSÉ GONDIO DA SILVEIRA, 1.647 UNIAO, CEP 31.175-405, BELÓ-HORIZONTE (MG). FALCONSOBERNARDI BR. ELKA FABIANA APARECIDA ALMEIDA É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG), CAMPUS MONTES CLAROS. ELKABRUGO BR. E PATRÍCIA DUARTE DE OLIVEIRA PRIMA É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFPL), LAVRAS (MG). PATRICIA ARVANBUFLA BR. **ONDE COMPRAR.** EM LOJAS DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS, EM FLORICULTURAS E EM GARDEN CENTERS, OU DIRETAMENTE DE VIVEIROS DE PRODUÇÃO DE MUDAS. **MAIS INFORMAÇÕES.** FORNECEDORES DE MUDAS E ENGENHEIROS AGRICOLAS PODEM OFERECER MAIS ORIENTAÇÕES

Voo na direção certa



Columbófila é o nome que se dá à atividade de criação de pombos, em especial de pombo-correio, para a participação em exposições, concursos e competições, que ocorrem aqui e no mundo.

Embora a prática seja pouco difundida em território nacional, há columbófilos por todo o país, incluindo o próprio presidente da Associação Brasileira de Aves de Raça Pura (ABCaves), João Germano de Almeida. A propósito, em 2022, Almeida resolveu reinvestir no pomal de sua propriedade e reformou todo o espaço de criação dos pombos-correios, pois sabe do potencial lucrativo do segmento, que con-

ta com o respaldo regulamentar da Federação Columbófila Brasileira (FBC).

Com manejo de custo baixo e fácil de lidar, o pombo-correio pode ser criado tanto em área urbana quanto rural. Há modelos de viveiro adequados para instalações em fundo de quintal de residências, em chácaras, em sítios ou em outro lugar disponível. O importante é que as condições de infraestrutura atendam às exigências necessárias para o bem-estar e o bom desenvolvimento das aves, como garantir um pomal higienizado, sem umidade e protegido contra o ataque de predadores.

Detentor de ótima capacidade de adaptação ao ambiente de regiões

frias ou quentes, o pombo-correio tem o clima como um fator de referência para indicar a melhor ração ao plantel. Nesse caso, é essencial ouvir as orientações de um profissional local, que, muitas vezes, pode ser consultado nas lojas de produtos agropecuários onde se vende a alimentação.

Intrínseco à variedade de espécies de pombos – ornamentais, domésticos, de corte (para a produção de ovos e carnes) e selvagens –, a dedicação à família também é observada entre os casais de pombo-correio. Juntos, os pais dividem as tarefas da construção do ninho aos cuidados dos filhotes, não havendo exclusi-

dade para fêmeas ou machos nem mesmo na hora do choco.

O pombo-correio ainda possui uma característica que sempre surpreende a quem é apresentada. Trata-se do seu exímio senso de direção, que o faz retornar para o local onde foi criado, o qual pode estar a quilômetros de distância. Apesar de ser natural da espécie,

o sentido de orientação tornou-se mais apurado com o tempo, graças à realização ao longo dos anos de contínuas seleções da ave, que, originalmente, surgiu dos cruzamentos de algumas raças belgas e inglesas.

Em média, um pombo-correio é comercializado a partir de R\$ 300, valor que se altera de acordo com a ge-

nética e as premiações conquistadas pela ave, que deve ser resistente, vivaz, com muitas penas brilhantes e rápida ao voar. Para começar uma criação, avalia-se um investimento inicial de R\$ 5 mil, sendo que o aproveitamento de materiais em desuso é uma opção para baratear o pequeno empreendimento. ■

MÃOS À OBRA

INÍCIO. A recomendação básica é comprar adultos com boa qualidade genética e sempre de criadores licenciados. Evite a ocorrência de aves consanguíneas formando uma criação com mais de um casal. Também é importante se filiar a uma associação de produtores da espécie para adquirir as anilhas de identificação, além de manter-se informado sobre os calendários e rotas das competições.

AMBIENTE. Precisa ter boa luminosidade natural e ser arejado, mas sem correntezas de ar e acesso à entrada de chuva. Local úmido também deve ser evitado, para assegurar a saúde das aves, inclusive garantir a higienização frequente do pomal. Uma boa dica para escolher onde implantar o pomal é, em geral, se orientar a sudeste ou a sudoeste.

POMBAL. Pode ser formado por gaiolas de arame galvanizado e com 1 metro quadrado para cada casal, que são vendidas no varejo especializado. Ou, se tiver mais espaço, por viveiros de 2 x 2 metros construídos em madeira ou alvenaria, com cobertura de telha de barro, preferencialmente, e greijas metálicas ou de madeira colocadas 30 centímetros acima do piso, a fim de impedir o contato dos pombos com os excrementos. Use telas de arame vazadas para manter o local seco. No caso de manejo com dezenas de pombos, recomenda-se dividir o pomal em áreas de reprodutores, fêmeas não acasaladas e filhotes. Instale poleiros com arestas arredondadas a uma altura máxima de 1,80 metro do chão.

ACESSÓRIOS. São necessários bebedouros e comedouros de madeira, barro, plástico

ou metal, desde que sejam fáceis de limpar e colocados em suporte a cerca de 50 centímetros do solo. Para os ninhos, podem ser usadas caçarolas de barro com 20 a 22 centímetros de diâmetro, fundo plano e revestidas de areia, para impedir danos aos ovos. Além é importante disponibilizar reservatórios de grite, cuja mistura de diferentes minerais é indicada para o fortalecimento do esqueleto, formação dos ovos e auxiliar na trituração e digestão dos alimentos.

ALIMENTAÇÃO. Além de ração balanceada e rica em nutrientes no volume de 30 a 40 gramas por pombo ao dia, forneça um mix de hortaliças e grãos selecionados. São usados ervilha, trigo, arroz com casca, sorgo branco e vermelho, cártamo, lentilha, amendoim, girassol e milho. Mantenha água fresca e limpa sempre disponível.

RAIO X

CRIAÇÃO MÍNIMA, mais de um casal contribui para evitar problemas de consanguinidade nas gerações seguintes.
CUSTO, R\$ 300 é o preço inicial de um pombo-comio.
RETORNO, 2 anos.
REPRODUÇÃO, a partir de 1 ano de idade.

REPRODUÇÃO. A partir de um ano de idade e todos os meses, apesar de os filhotes terem melhor desenvolvimento quando nascem entre agosto e dezembro. Após 18 dias de incubação, é gerado por postura um casal, sendo o macho de tamanho um pouco maior em comparação à fêmea. Inicialmente, os pais alimentam a ninhada regurgitando no bico de cada filhote um líquido leitoso, que depois é substituído por grãos mastigados e fermentados.

CONSULTORIA: JOÃO GERMANO DE ALMEIDA, CRIADOR E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE AVES DE RAÇAS PURAS (ABCRAVES), TEL. (11) 99135-2041. **ONDE ADQUIRIR:** COM CRIADORES COM REFERÊNCIA NO MERCADO, QUE POSSAM SER INDICADOS PELA ARCAVES E FEDERAÇÃO COLLABORÁBILA BRASILEIRA (FCB). **MAIS INFORMAÇÕES:** FEDERAÇÃO COLLABORÁBILA BRASILEIRA (FCB), RUA JORGE TIERRA, 1.635, SALA 4, PARQUE INDUSTRIAL, CEP 13025-000, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP), CONTATO@FCB.CRIADOR.COM.BR



Cuidado com as sementes

Que árvore é esta e para que serve?

Sonia Rodrigues via Facebook

AMPLAMENTE CULTIVADA nas regiões tropicais e subtropicais do planeta, por causa de suas folhas longas, de largura fina e verdes e flores tubulares de cor amarela ou laranja, principalmente, a *Thevetia peruviana* é uma planta arbustiva, ornamental, nativa do continente americano e pertencente à família das apocináceas, a mesma das almandas e espírradeiras. Tem o nome popular de chapéu-de-napoleão, devido ao formato de seus frutos, que são confundidos com castanhas, chegando a ser consumidos. Entretanto, as sementes tóxicas provocam diversos distúrbios gastrointestinais, como vômitos e diarreias, além de causar lesões na boca e no trato digestivo. Por isso, ela não deve ser plantada em áreas frequentadas por crianças e animais domésticos.

CONSULTOR, MARCOS EDUARDO GUERRA SOBRAL, PROFESSOR DE ECOLOGIA E SISTEMÁTICA VEGETAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, PRAÇA PIRE ORLANDO, 170, CEP 36307-352 SÃO JOÃO DEL-REI (RJ), TEL. (52) 3379-2388

Doença antiga do cafeeiro

Qual o produto orgânico que mata olho de pombo em planta de café?

Lucio Monteiro da Veiga
Alto Rio Novo (ES)

A MANCHA DE OLHO Pardo, ou mancha de olho de pombo - cercosporiose (*Cercospora coffeicola*) -, é uma doença fúngica das mais antigas que atingem os cafeeiros da América do Sul e Central. Antes do uso de produtos químicos, que estão listados no portal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o combate a essa enfermidade vem primeiramente pelo melhoramento genético das plantas. Obtidas as cultivares melhoradas, é necessário o fornecimento adequado



e equilibrado de nutrientes por meio da construção da fertilidade dos substratos e do solo (adubação), além de práticas culturais como podas e controle da irrigação, quando for o caso. Contudo, salienta-se a importância da visita local de um engenheiro agrônomo da assistência técnica e extensão rural para a identificação e avaliação do tratamento necessário.

CONSULTOR, ANÍTO JOSÉ DINZ, PESQUISADOR DA ÁREA DE TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA DA EMPRESA CAFÉ BRASILEIRA S/A, TEL. (61) 3448-1192, WWW.EMPRESA.CAFEBRASIL.COM

Clima adianta frutos

Qual o motivo de uma pitangueira iniciar a produção antes do período da safra, o que normalmente ocorre a partir de agosto e vai até outubro?

Rafael Cardoso
via Facebook

A FRUTIFICAÇÃO PRECOCE em pitangueira pode acontecer por vários motivos, mais notadamente por fatores climáticos, como chuvas fora de época e mudanças na temperatura ambien-

te. Em algumas localizações, a pitangueira frutifica duas vezes por ano, sendo uma no fim do outono e outra no fim da primavera. Além de produzir frutos saborosos e dotados de propriedades funcionais, inclusive as folhas, que são usadas para a elaboração de chás, por conterem substâncias consideradas capazes de combater diarreias e verminoses, a espécie pertencente à família das *Myrtaceae* pode ser utilizada como cerca-viva e planta ornamental.

CONSULTOR, CARLOS DAVID DE DOUTOR EM GENÉTICA E MELHORAMENTO DE PLANTAS E PESQUISADOR DA EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO ESTÁDIO DO RIO DE JANEIRO PRESACRO-PRO, ESTRADA ADESON FERREIRA FILHO, S/Nº, CIDADE NOVA, CEP 27969-100, MACAÉ (RJ), TEL. (22) 2785-1287

Frutificação do abacaxizeiro

Meu vizinho plantou abacaxi sem a coroa. Isso é possível?

Cristina Guimarães
Campos dos Goytacazes (RJ)

NÃO É POSSÍVEL, se no abacaxi houver ausência das gemas axilares, que são responsáveis pelo surgimento dos rebentos formadores das mudas do tipo filhotes, rebentões e filhotes-rebentões. Contudo, caso o abacaxi contenha sementes, há uma

possibilidade bastante remota, pois teria de haver uma combinação de fatores favoráveis. Um deles é a viabilidade da semente, que, por sua vez, deveria estar em um ambiente propício quanto às condições de clima e de solo e, sobretudo, em uma profundidade adequada. Também chamada de ananás, o abacaxizeiro é uma planta herbácea cuja polpa do fruto é dotada de vitaminas A, B1 e C, potássio, cálcio, magnésio, enxofre, fósforo e bromelina, enzima que auxilia na digestão.

CONSULTOR, ROMEU DE CARVALHO ANDRADE NETO, PESQUISADOR DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO VEGETAL DA EMBRAPA ACRE, RODOVA BR-384, KM 14 P.O. BRANCO/PORTO VELHO, CAVA POSTAL, 321. CEP 69900-670. P.O. BRANCO (AC), TEL. 688 3212-3200. WWW.EMBRAPA.BR/ALE-CONOSCO

[Acesse nosso Canal no Telegram: t.me/CanalGloboRural](#)

Praga em gravioleiras

O que acontece com a plantação de graviolas, pois os frutos ainda pequenos tornam-se pretos e secos e, em seguida, caem do pé? Será que é o clima frio da região?

Paula Alencar
Três Pontas (MG)

OS SINTOMAS APRESENTADOS não se devem às condições climáticas, mas a pragas e doenças. Assim, elimine os frutos com sintomas, enterrando-os. Faça, então, uma pulverização foliar com solução de oxidoreto de cobre, que é vendida em casas agrícolas. Após a polinização das flores, ensaque cada graviola jovem com sacos de papel para protegê-las do ataque de brocas, que provocam na casca e polpa lesões por onde entram



os fungos causadores do escurecimento dos frutos. Também é bom reforçar a adubação orgânica e a irrigação, além de fazer uma poda de abertura nas plantas, eliminando ramos secos e em excesso, para melhorar a entrada de luz e arejamento no interior das árvores.

CONSULTOR, JOSÉ ANTONIO ALBERTO DA SILVA, PESQUISADOR DA AGÊNCIA PAULISTA DE TECNOLOGIA DOS AGRONEGÓCIOS (APTA), DA SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO, AV. RUI BARBOSA, S/Nº, CP 35, COLINA (SP), CEP 14770-000. TEL. (17) 3347-1332, JAASIB@APTA.SPOGOVBR



Safra estendida

Por que minha jaboticabeira continua dando frutos mesmo fora de época?

Antônio
via Facebook

O FLORESCIMENTO É UM processo complexo, que se inicia pela etapa de indução da planta para alterar o desenvolvimento de estruturas vegetativas para reprodutivas. As mudanças morfológicas de ambas as estruturas e o desenvolvimento do aparato floral irão, sob condições adequadas do ambiente, provocar a produção dos frutos. Estudos realizados por pesquisadores indicam que há grande influência quando ocorre alteração da temperatura e da escassez de água na indução floral de espécies frutícolas, a exemplo da jaboticabeira, árvore frutífera na qual as gemas reprodutivas são formadas ao longo dos troncos e ramos maduros. Assim, é muito provável que a frutificação extemporânea observada esteja relacionada aos fatores ambientais existentes no local.

CONSULTOR, JOSÉ EMÍLIO BETTIO NETO, PESQUISADOR DO INSTITUTO AGRONÔMICO (IAC), DA SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Crédito digital



EXECUTIVAS

Da esq. para a dir.: Rafaela Caixeta, sócia-fundadora; Isadora Caixeta, sócia-fundadora e CEO; Bruna Aguiar, sócia-fundadora; e Maria Izabel Daura, sócia

Acesse nosso Canal no Telegram: [tuneBRASILTRASH](#)

De uma conversa entre amigas nasceu um negócio de milhões em Minas Gerais. Vinda de uma família de produtores rurais, Bruna Aguiar compartilhou com Isadora Caixeta que seu pai enfrentava dificuldades para obter crédito. Bruna, então, questionou como o produtor poderia conseguir capital de forma diferente.

Isadora, com experiência no mercado financeiro, pesquisou como adotar no agro brasileiro um modelo chamado de *peer-to-peer*. A partir dessas ideias foi criada a Campo Capital, startup que visa destinar investimentos diretos em fazendas, com base em análise de crédito e iniciativas de sustentabilidade. E com mais duas sócias no negócio: Rafaela Caixeta e Maria Izabel Daura.

As operações no mercado começaram em março de 2022. De lá para cá, a Campo Capital captou R\$ 3 milhões de investidores pessoas físicas, aplicados em seis fazendas de café de Minas Gerais. Mas a expectativa é crescer de forma exponencial e passar para mais de R\$ 50 milhões gerenciados até 2024.

O impulso deve vir da parceria com a Ativa Investimentos, que passou a ser sócia da companhia, agregando a startup ao seu portfólio e à sua base de clientes. O valor do aporte não foi revelado. "Estávamos em busca de um sócio estratégico para dar escala aos negócios. E a Ativa vai nos ajudar", resume Isadora, CEO da Campo Capital.

"Faz sentido promover investimentos alternativos. O mercado vem crescendo com tecnologia e ideias inovadoras", diz Juliana Figueiredo, diretora de governança corporativa da Ativa Investimentos. (por Raphael Salomão)

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL MUDARÁ A SUA VIDA NAS PRÓXIMAS DÉCADAS

DESCUBRA O FUTURO NESTE NOVO BEST-SELLER

Kai-Fu Lee, um dos maiores especialistas em inteligência artificial no mundo, e Chen Qiufan, visionário autor de ficção científica, imaginam, através de análises e contos no melhor estilo *Black Mirror*, uma realidade dominada pela tecnologia.



Acesse nosso canal no Telegram: t.me/BRASILTRASH

2041

Como a inteligência
artificial vai mudar
sua vida nas
próximas décadas

GRUPO



NAS LOJAS ON-LINE,
LIVRARIAS E EM E-BOOK

GLOBOLIVROS

COLHEDORAS DE CAFÉ JACTO

COMPACTAS NO TAMANHO, GIGANTES NA COLHEITA

A gente sabe o que está por trás de um bom cafézinho: o seu trabalho duro, cafeicultor, que cuida do cafezal nos 365 dias do ano. Cada lavoura é diferente uma da outra. Para colher o melhor café, mesmo nos terrenos de mais difícil acesso, a Jacto trouxe para você a **K 3000** e a **KTR 3000** - duas máquinas que somam produtividade, fácil manutenção e presença contínua no campo, para os mais diferentes cafezais.

Acesse nosso Canal no Telegram: [@BRASILTRASH](#)



Acesse o **QR Code** e
conheça a família **3000**

CONSÓRCIO
JACTO



Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!